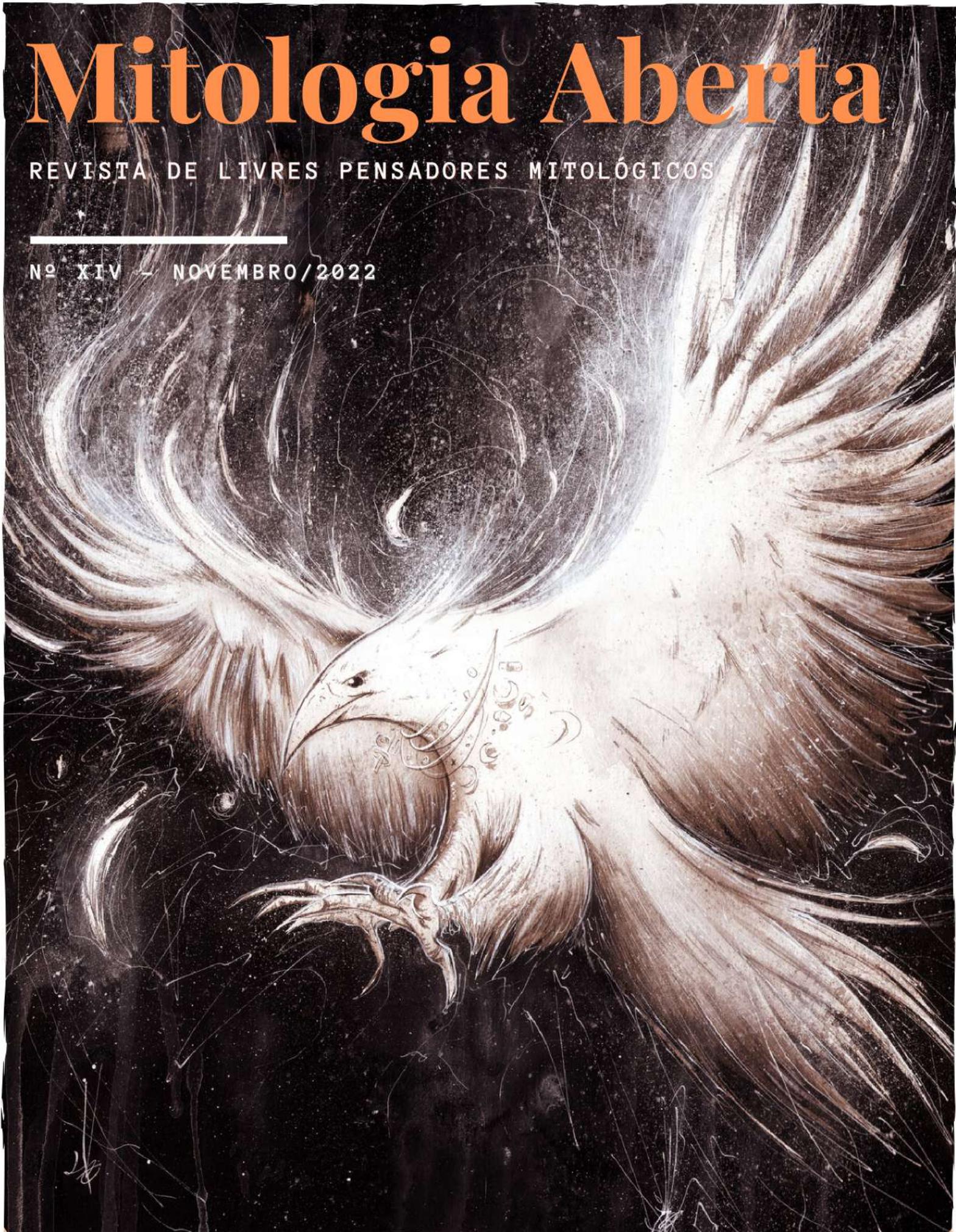


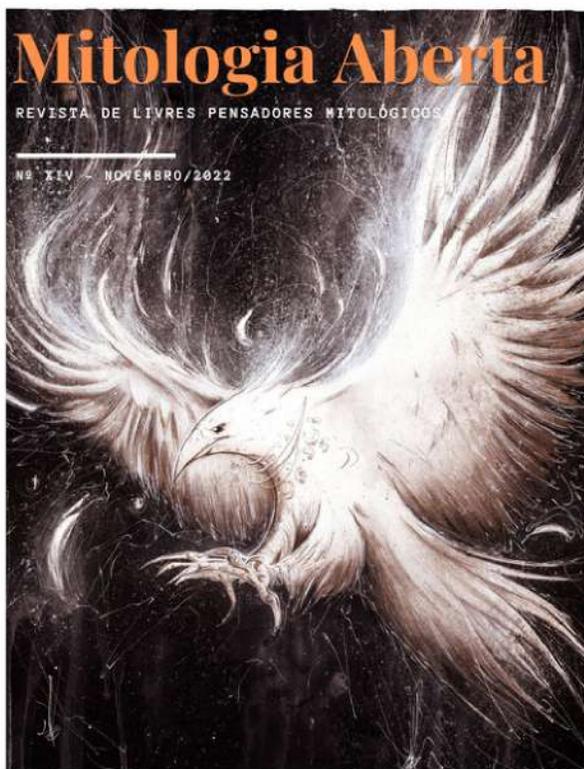
Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº XIV - NOVEMBRO/2022



SUMÁRIO



03	APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
06	ILUSTRES ILUSTRADORES;
10	PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
11	<u>ARTIGO DE CAPA</u> : O MITO DA FÊNIX
18	<u>ARTIGO 1</u> : PODE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS SER PROFESSORA DE FILOSOFIA?
25	<u>ARTIGO 2</u> : O EXPANSIONISMO INCA
29	<u>ARTIGO 3</u> : HYOGA DE CISNE
40	<u>ARTIGO 4</u> : AMARU
43	<u>ARTIGO 5</u> : A MULHER BÚFALO BRANCO
47	BIBLIOTECA DE THOTH;
48	VITROLA DE ORFEU;
55	HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
56	ARQUIVOS DE LOKI;
60	A NONA ÁRVORE;
74	ACADEMIA DE QUÍRON;
83	PANTEÃO DE COLABORADORES;
91	AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Esta é a 14ª edição da Mitologia Aberta! Vamos parar para respirar, porque ainda me impressiono com a nossa capacidade de manter dia a dia essa revista funcionando, sem esquecer o seu nobre propósito!

O artista de capa trouxe sua versão linda e cheia de magia da Fênix, essa ave mitológica que todos conhecem pelo seu poder de renascer das cinzas! E também é em tons de preto, branco e cinza que Bertho nos oferta seu incrível talento. Para quem não se recorda, Bertho foi o primeiro artista da Nona Árvore, tendo criado para a nossa revista a HQ de inauguração desta sessão, por onde muitos quadrinistas maravilhosos já passaram!

Além disso, essa edição recebeu artigos internacionais, estreantes e também matérias de antigos colaboradores, no saudável ciclo que a Mitologia Aberta criou e mantém!

Acompanhem nossos artigos sempre recheados de conhecimento! Na Biblioteca de Thoth, temos uma dica maravilhosa de mitologia iorubá; A Vitrola de Orfeu traz uma banda nacional consagrada, com a energia dos ancestrais, para conhecermos. Nos Arquivos de Loki, temos o retorno de nosso colaborador, apresentando um texto incrível; A Nona Árvore apresenta um novo galho espetacular, falando sobre a mitologia mesopotâmica! Nas Histórias da Vó Tiana, mais uma história impressionante será contada; e, na Academia de Quíron, mais eventos incríveis estão esperando por vocês!

Não deixem de acompanhar nosso canal do YouTube!

Embarquem em mais essa viagem incrível ao misterioso mundo dos mitos!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

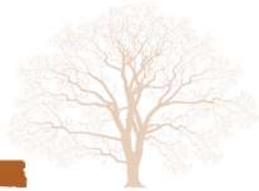
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

“

Autodidata, trabalho desde meus quinze com ilustração.

Colaborei desde então com centenas de fanzines onde fui de editor a ilustrador trabalhando com dezenas de escritores, poetas, músicos, psicólogos e historiadores.

Trabalhei com algumas editoras nacionais como Editora Abril, jornais (que não me lembro o nome) em suplementos semanais de cultura e arte, revistas como a 100% SkateMag (sempre com ilustrações e/ou design de página).

Também trabalhei e ocasionalmente trabalho com editoras, agências e escolas internacionais.

Dei aulas e muitas oficinas de desenho e histórias em quadrinhos e fiz muitas capas de CDs pra diversas bandas.

Desenvolvi design de personagens para vídeo games, histórias em quadrinhos e espetáculos teatrais. Trabalho em teatro em projetos de cartazes, fotografia cênica, ilumina-



Bertho Horn
Instagram: @berthohorn



"Fênix",
Arte que ilustra a capa desta edição.

ILUSTRES ILUSTRADORES

ção, figurino, cenário e até direção de arte.

Recriei, numa versão com atmosfera sombria, os personagens do espetáculo Gota D'água do NAC do SESI.

Tenho meu próprio grupo de teatro, o Subteatrágicos.

Fiz diversos trabalhos para publicidade nacional e internacional.

Trabalhei com cinema, televisão e rádio.

Ganhei alguns prêmios, tanto nacionais quanto internacionais, mas eu não me lembro dos nomes nem quantos foram.

Escrevi livros, contos, espetáculos, crônicas e muitas, muitas, mas muitas tiras em quadrinhos.

E ainda os faço. ”



Publicações de Bertho Horn

Para quem não se recorda, o traço belíssimo do Bertho marcou a estreia da nossa sessão "Nona Árvore", por isso, ele sempre será muito querido e adorado nesta revista! Gratidão eterna por voltar ilustrando uma capa!

Para saber mais:

<http://zildahq.blogspot.com/>

ILUSTRES ILUSTRADORES

Quadrinista e editor, criador da Editora Urukum, Fábio Gimovsky é autor de diversos livros, romances gráficos e literatura infanto-juvenil.

Publicou os romances: "Imenso Mar", "O Vento e a Sacerdotisa", "Moriana", "Afetos Essenciais", "Pessoas Imperfeitas" e "Estrelas de Papel". Na linha infanto-juvenil, publicou: "A pele da Terra", "Cara roxa e Cara preta", "Um conto de chuva", "Vagalume", "Penélope", "Estrelas do ar", "Estrelas do mar", "Um conto de floresta", "A coisa mais velha" e "Lunara". Como quadrinista, publicou os romances gráficos: Samaúma, Ancestrais da Terra, Nos caminhos de Juramidã e seu mais recente lançamento, ainda em campanha no Catarse!, Txai - Terra sem Raízes. Nessa linha, ele busca trazer os saberes ancestrais da floresta para o grande público através de suas obras de arte! Fábio também publicou três oráculos: "Coração Xamânico", "Amanhecer" e "Mandalas Sutras". Formado em Belas Artes e com pós-graduações nas áreas de cultura e gestão, atualmente desenvolve pesquisa de mestrado na área da educação ambiental.

Contatos: editoraurukum.com.br /
[@urukum editora](https://www.instagram.com/fabiogimovsky)



Fábio Gimovsky

Instagram: [@fabiogimovsky](https://www.instagram.com/fabiogimovsky)



"Ariadne",
Arte que ilustra o primeiro artigo
desta edição.

ILUSTRES ILUSTRADORES

“

Italo Augusto Pereira Zanatta

Desde pequeno eu sempre me interessei e me encantei com os filmes, as cores, em pintar e esculpir com massa de modelar.

Quando assisti pela primeira vez os filme da Pixar, Disney e Scooby-Doo e fui apresentado para esse mundo, comecei a desenhar com a ideia de trazer a vida a esses personagens, e assim, consegui convencer a minha família de que eu devia participar de aulas de desenho / ilustração. À partir daí, eu nunca mais deixei esse mundo, continuando com esse sonho de trazer essas imagens e ideias para quadros e telas.

”

AS BELAS SINCRONICIDADES DO DESTINO FIZERAM COM QUE CARMELINA TOLEDO PIZA, QUE JÁ ILUSTROU UMA CONTRACAPA DA MITOLOGIA ABERTA E ARTIGOS, DESCOBRISSE OS DESENHOS DO ÍTALO E NOS INDICASSE SEU TALENTO!



Italo Zanatta
Instagram: @apowia_



"Estamos a Sós",
Arte que ilustra a contracapa desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



Esta edição está super especial. Se nós coordenássemos a diversidade dos artigos, eles não seriam tão completos como são seguindo apenas a ordem que o universo os traz!

O artigo de capa desta edição traz o tema da Fênix, essa ave mitológica capaz de renascer das próprias cinzas, e aqui, seu mito é contado com a ajuda da alquimia!

No primeiro artigo, a nossa colaboradora de longa data trouxe uma incrível adaptação do seu mestrado, unindo mitologia, contação de histórias e o ensino da filosofia, com sua escrita sempre envolvente e brilhante!

O segundo artigo nos traz uma visão histórica sobre o expansionismo inca, de um modo claro e sequencial, como todo bom historiador gosta! Desta vez, tudo muito especial, pois a sincronicidade trouxe o tema inca duas vezes para esta edição!

O terceiro artigo traz mais uma etapa dos cavaleiros do Zodíaco, trazendo desta vez Yoga de Cisne e sua relação com a mitologia.

Para o quarto artigo, tivemos a colaboração do nosso querido parceiro do Peru, que trouxe um lado da mitologia inca que poucas pessoas conhecerão pelos livros, pois estas são histórias recolhidas por ele e gentilmente disponibilizadas para a Mitologia Aberta.

O quinto artigo traz a história da Mulher Búfalo Branco, da mitologia indígena norte-americana e seus preciosos ensinamentos.

Com tudo isso, acho bom não esperarmos mais e já começarmos a devorar as páginas da Mitologia Aberta! Vamos embarcar nessa viagem alucinante pelo mundo da mitologia!

Boa leitura!
Larissa Dias

O MITO DA FÊNIX, A ARTE DA METAMORFOSE E A ARTETERAPIA

POR PATRÍCIA PINNA BERNARDO

*"A cinza voa, mas o fogo é que tem
asa" (Mia Couto)*

*"A melhor maneira de não morrer
queimado é viver dentro do fogo" (Mia
Couto)*

Segundo Viktor Salis (2012b), o mito da ave Fênix, "o pássaro da ressurreição" que renasce das próprias cinzas ou do próprio sêmen, é de origem egípcia. A palavra Phenix, em grego, significa vermelho, sendo uma ave ligada ao culto do sol. "Ela representa morte e ressurreição nesta vida", ou seja, a capacidade de se recriar a partir de si próprio, de parir a si mesmo, de se reinventar. Farid Ud-din Attar, no seu livro A Conferência dos Pássaros, assim a descreve:

"A Fênix é um pássaro admirável e lin-

*do que vive no Hindustão. Não tem
companheiro, vive só. Seu bico, muito
comprido e liso, é todo furado, como a
flauta, e tem quase cem furos. Cada
furo produz um som, e em cada som há
um segredo especial. Às vezes, ela cria
música através dos furos, e ao ouvir as
notas que ela emite, meigas e plan-
gentes, pássaros e peixes se agitam e
os mais ferozes animais caem em
êxtase; depois, todos se calam. De uma
vez, um filósofo visitou o pássaro e
aprendeu com ele a ciência da música.
A Fênix vive cerca de mil anos e sabe
exatamente o dia em que vai morrer.
Chegada a hora da morte, reúne à sua
volta grande quantidade de folhas de
palmeira e, desvairada entre as folhas,
desfere gritos merencóreos. Pelos furos
do bico, emite notas variadas, e a
música lhe sai do fundo do coração.*

Suas lamentações expressam a tristeza da morte, e ela treme qual uma folha. Ao som da sua trombeta, os pássaros e animais se aproximam para assistir ao espetáculo, desnorteados, e muitos morrem por lhes faltarem as forças. Enquanto ainda respira, a Fênix bate as asas e eriça as penas, e, com isso, produz fogo. O fogo se espalha pelas copas das palmeiras, e tanto as frondes quanto o pássaro são reduzidos a carvões acesos e, logo, a cinzas. Mas depois que a derradeira chama tremeluz e se extingue, uma nova e pequena Fênix surge das cinzas.” (1988, p. 102).

Chevalier e Gheerbrandt (1993) colocam que a Fênix está associada à Heliópolis, cidade do sol, e que quando chega a hora de sua morte ela constrói o seu ninho com vergôntes perfumadas, onde se queima e deposita, logo antes de sua morte, o ovo do qual renascerá. Os autores comentam que, de acordo com os árabes, ela só pode pousar numa montanha que é o centro do mundo. Brandão (1987) traz o paralelo entre o símbolo da Fênix e a pedra filosofal na Alquimia: “O *occultus lapis*, a pedra oculta, a pedra filosofal, que renascerá das cinzas, será o *homo nouus*, o homem novo, a Fênix, a Rosa.” (p.201)

Como mostro em minha tese de mestrado (1994), os processos criadores levam a processos de transformação similares aos desencadeados pelos antigos rituais de iniciação e passagem, que envolvem a vivência de uma morte simbólica seguida de um renascimento, promovendo a expansão da consciência, num trabalho de alquimia interior, que Jung denominou de caminho de individuação. Essas transformações equivalem a um renascimento a partir de si mesmo, em vida, comparável à ressurreição da Fênix a partir das próprias cinzas. Na alquimia, as cinzas relacionam-se ao produto obtido através da calcinatio, operação relativa ao fogo, correspondendo às cinzas brancas, expressando “tanto a amargura quanto a sabedoria decorrente do processo de se arder na própria fogueira, purificando o ego da identificação inflacionária com conteúdos coletivos, podendo-se então conter o desejo ao invés de ser possuído por ele e vivenciar, num nível mais elevado, o fogo etéreo - o caráter transpessoal do afeto - em contraposição ao fogo terrestre - dor do desejo frustrado.” (BERNARDO, 2001, p. 106). Além do fogo estar simbolicamente relacionado com as

nossas paixões e ideais, “ele ilumina aspectos antes obscuros da realidade, condição essencial para a tomada de consciência: o fogo “configura a purificação pela compreensão, até sua forma mais espiritual, pela luz da verdade” (BRANDÃO, 1986, p. 279).” (BERNARDO, 2012, p. 130-131).

Entre povos ancestrais, os rituais de iniciação acompanham as mudanças de ciclos, tais como estações do ano, nascimento, casamento, puberdade, morte, favorecendo a liberação do que está sendo deixado para trás e a canalização da energia psíquica para o novo momento existencial. Existe uma dose de sacrifício envolvida nesses rituais, e o que é sacrificado é a visão limitada e limitadora do ego, que coloca os seus recursos a serviço de um propósito maior do que a satisfação de suas necessidades mesquinhas e imediatas: “No ato de sacrifício, o ego, com suas exigências egóicas naturais, decide contra si mesmo, na medida em que se subordina a uma autoridade superior a si mesmo. Essa autoridade é o princípio da individuação, ou o Self, que surge no ato do sacrifício porque força o ego, a partir de dentro, a ocupar uma posição subordinada. A significação central do sacrifício para o ego torna-

se clara: é a possibilidade que ele tem de vivenciar a presença superior e a realidade do Self. Terá isso um sentido para o Self? Para o Self, esse é o momento em que pode penetrar em nós e, assim, passar de um estado de inconsciência para o de consciência, de potencialidade para o de atualidade. É, por assim dizer, o momento em que o “deus desconhecido” em nós se torna consciente, tornando-se por isso, simultaneamente, humano. (VON FRANZ, 1992, p. 185).

“Para mim só contam os que são loucos por alguma coisa, loucos por viver, loucos por falar, loucos para serem salvos, os que querem tudo ao mesmo tempo, os que jamais bocejam, que não dizem banalidades, mas ardem, ardem, ardem como um fogo de artifício.” (Jack Kerouac)

Interessante apontar aqui a ligação que Farid Ud-din Attar faz entre a Fênix e a música. Segundo Salis (2012a), ao silenciarmos as nossas vozes mentais, nós nos abrimos para ouvir a nossa musa (e a palavra música vem de musa!), o que nos inspira e incita a criar, como a expiração que se segue à inspiração, e quando expiramos expandimos a

nossa luz, o nosso sol interior de onde vem o nosso carisma, quando dividimos com o mundo os nossos dons e talentos, que assim se multiplicam, como o fogo, que é o único elemento que ao se dividir se multiplica. O fogo pode destruir com a mesma força com que ilumina, purifica, elucida, sem ele nada se cria nem se transforma, correspondendo à nossa energia psíquica, aos nossos afetos e à tomada de consciência sobre algo, remetendo ao sagrado por se dirigir para o alto, promovendo a conexão com a dimensão espiritual. “Os processos de criação envolvem uma alternância entre o imergir na materialidade e o emergir através do espírito, num misturar-se e discriminar-se, envolvendo constantes idas e vindas. É como despejar ingredientes numa panela, cozinhá-los e retirá-los dela transformados (pelo fogo material) em alimento (fase extrovertida do processo). Esse alimento então poderá ser ingerido, metabolizado (pelo fogo espiritual) e transformando em nutrientes, energia, etc. (momento de introversão da libido). Essa energia é então colocada em novos projetos, num movimento análogo à respiração (...) apenas completando-se o percurso é que se pode deflagrar todo o potencial reno-

vador e transformador de um trabalho criativo (com seu caráter pulsante, psicopompo, “hierogâmico”).” (BERNARDO, 2012, p. 202).

A criatividade tem um grande potencial terapêutico, sendo a espinha dorsal do trabalho em Arteterapia, e já era um componente importantíssimo nos tratamentos arcaicos, como observa Salis (2012a): *“A terapia arcaica era um processo não de correção, era um processo de fermentação (...) o fermentar do espírito. Já viram criação sem fermentar? (...) É preciso estarmos abertos para esse processo (...) O que importa é essa força criadora vir para fora, e que ela brote (...) este processo em Arteterapia arcaica é a arte de tornar o indivíduo criador a partir do conhecimento de si próprio (...) O objetivo fundamental é compreender os seus talentos e saber o que você tem para oferecer nesta sinfonia cósmica. Nesta sinfonia cósmica você tem um papel a executar, quer seja o de um jardineiro quer seja o de um Van Gogh, não importa, você há de se achar nesse caminho (...) todas elas são obras de arte desde que você esteja disposto a entregar-se por inteiro apaixonado e recriar aquilo que te cabe. A terapia arcaica é a arte de religar o indivíduo aocosmo”.*

O caminho da Arte, e da Arteterapia que a usa como recurso, é o mesmo percorrido pela Fênix, e esse mito nos adverte: não podemos reter a nossa criação da mesma forma que um pássaro não foi feito para gaiolas, mas sim para ninhos de onde um dia possa voar, e para onde retornará, ao final da sua jornada, para colocar os seus ovos, as sementes de seus novos amanhãs. Criar envolve ao fim soltar e liberar, a semente que sai das nossas mãos ao ser plantada, enterrada, as deixam vazias para poder receber outras, e só assim poderá dar frutos... Como sempre digo para os meus alunos e pacientes: o que está pronto, está pronto para morrer, ao nascimento da criança corresponde a morte do feto.

Damos continência e criamos uma roupagem para os nossos conteúdos internos através da utilização de recursos artísticos, o que nos dá notícias “da fluida energia que move e entretence os vários aspectos do ser que, no entanto, não se permite jamais ser capturada e aprisionada”, mas “quando contida no útero-Vaso Sagrado que abriga e alimenta os processos criadores, pode vir a parir-se, em auto sacrifício - pois assim que nasce a forma, esta despe-se e despede-se desse pássaro-fênix cuja

essência é a liberdade, e é por isso que todo nascimento é ao mesmo tempo uma morte” (BERNARDO, 2001, p. 169). É isso o que esse mito nos ensina, esse é o desafio do caminho do herói, que sai sempre do já conhecido para buscar novos tesouros, explorar novos horizontes, acessando novos recursos internos e se autotransformando, enriquecendo o seu mundo e dos demais, trazendo e integrando à sua consciência aspectos que estavam na zona obscura do inconsciente à espera de serem iluminados – por isso antes de cada manhã o sol atravessa o submundo. “Esse pássaro sabe o momento certo que ele deve se incinerar, e é sempre no auge (...) Esse desafio da recriação é muito sério, porque nos coloca frente a frente com a necessidade de desapegar do que já se fez e continuar com a metamorfose (...) A fluidez do Phenix é necessária para nós”. (SALIS, 2012b).

Esse é um caminho contínuo, que nos acompanha por toda a vida, assim como a Fênix atinge a sua dimensão mítica, atemporal, ao se renovar continuamente através do mistério fascinante da ressurreição. O trabalho criativo nos leva sempre a um novo ponto de partida, é um pro-

cesso que não finda. A cada volta e fechamento de ciclo depositamos no ninho formado no centro de nosso ser as sementes dos frutos colhidos para que sejam germinadas, mas num galho mais alto da Árvore da nossa Vida, num patamar acima do qual estávamos, pois a nossa consciência foi ampliada pela experiência vivida e pela sabedoria dela extraída. Não somos mais os mesmos, embora muito mais nós mesmos em essência, e diante de nós se abrirá um novo mundo!

“As metamorfoses, como o próprio termo diz (...) Metamorphosis em grego. Meta – além, meta significa caminhar em grego, sair de um lugar e ir para outro (...) morphosis vem da raiz morphê, vem do deus Morfeu (...) Morfeu é o deus do imaginário, o deus da forma (...) A morphê quer dizer a configuração, a estruturação daquilo que você imaginou (...). O imaginário se impõe, você nem sabe como, ele te domina lentamente, aos poucos ele toma conta de ti e ele não te largará enquanto aquilo que é uma morphê não se transformar no objeto da criação. (...) Então a metamorphosis não é senão a transformação da morphê, o caminho da criação. A metamorfose é a transformação do in-

divíduo progressivamente para que ele vá aperfeiçoando a sua forma. Que aperfeiçoamento não pode ser maior senão nós nos assemelharmos a Deus. (...) E é isso que recria o ser humano, é isso que o metamorfoseia” (SALIS, 2012a)

“Um sufi despertou certa noite e disse para si: “O mundo me parece uma arca na qual somos colocados e onde, fechada a tampa, nos entregamos a toda a sorte de loucuras. Quando a morte ergue a tampa, o que conquistou asas alça voo para a eternidade, mas o que não as conquistou continua na arca, presa de mil atribulações. Certifica-te, pois, de que o pássaro da ambição adquire asas de aspiração e dá ao teu coração e à tua razão o êxtase da alma. Antes que se abra a tampa da arca, converte-te num pássaro do Espírito, pronto para estender as asas.” (Attar, 1991 p.86)

REFERÊNCIAS

- ATTAR, F. U.-D. A Conferência dos Pássaros. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- BERNARDO, P. P. A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos. V. 5: A Alquimia nos Mitos e Contos e a Arteterapia: criatividade e individuação. São Paulo: Arterapinna Editorial, 2012.
- BERNARDO, P. P. A 'doce medicina': trabalhando a sabedoria da psique na criação de um conhecimento integrado ao auto-conhecimento. 297 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BERNARDO, P. P. O processo criativo como veículo de transmutação do arco-íris em ponte - mandala (a utilização de recursos artísticos no trabalho terapêutico). Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.
- BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega, v. II. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANZ, M.-L. Alquimia. São Paulo: Cultrix, 1985.
- FRANZ, M.-L. Reflexos da Alma. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1992.
- SALIS, V. A evolução e o voltar a viver através das metamorfoses e das mentempsicoses. Audiobook. São Paulo, edição do autor, 2012a.
- SALIS, V. Os grandes mitos de amor da tradição grega. Audiobook. São Paulo, edição do autor, 2012b.



PODE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS SER PROFESSORA DE FILOSOFIA?

POR ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS

O presente texto é em grande parte inspirado em minha Dissertação de Mestrado: "Pode uma contadora de histórias ser professora de filosofia?". Que foi adaptado para compor esse artigo.

Existe um antigo conto coreano, narrado no livro, "O que conta o conto?", de Jette Bonaventure (2008, p. 205-211), autora ligada à psicologia analítica junguiana, chamado "A sacola de couro". Nesse conto, um jovem príncipe ouve todas as noites belas histórias. Depois de cada narra-

tiva, os espíritos dos contos vão imediatamente para uma sacola de couro que fica dependurada atrás da porta do quarto. Os espíritos somente seriam libertados de lá se o príncipe partilhasse o que ouviu. O jovem, porém, era egoísta e não desejava repartir com ninguém as maravilhas que ouvia. Com o passar do tempo, os espíritos dos contos começaram a se sentir sufocados dentro da velha sacola de couro. A cada noite somava-se uma nova história, um novo espírito à sacola, enquanto o príncipe ia se tornando



Arte - Ariadne - Fábio Gimovski

homem feito. Os espíritos se revoltaram e começaram a tramar a morte do jovem para se verem livres daquele aperto. Somente a intervenção de um velho e sábio criado da família, justamente quem contava as histórias, salva a vida do príncipe, que se arrepende de seu egoísmo e passa também a contar as histórias que ouvia.

Decidir tratar de um tema tão complexo como o presente foi como abrir a velha sacola de couro onde estavam guardadas todas as histórias que uma contadora coleciona e partilhar esse saber. Eu conto histórias, isso está em mim por herança, pois meu avô materno também o fazia, mas também é fruto de esforço, pesquisa e estudo. Quando estava na graduação em Filosofia, algumas vezes, ao ler algum texto filosófico, me percebia mentalmente comparando-o a algum mito que havia lido, ouvido ou narrado. Isso me ajudava a compreender melhor o tema e o texto estudado. Aproveito que tocamos no assunto dos mitos para fazer um breve parêntese: vamos dar um passo atrás para compreendermos meu encontro com os mitos e com as histórias, minhas velhas conhecidas, presentes desde a infância. Meu avô, como já mencionei, era um contador. Ele morreu quando eu era ainda bem pequena, porém, minha mãe não deixou a tradição desaparecer, ela costuma dizer que herdei o dom do meu avô. Portanto, cresci em meio às histórias: ouvindo-as, lendo-as e contando-as. Os mitos se apresentaram de forma mais incisiva a partir da

8ª série (atual 9º ano) do ensino fundamental, quando realizei uma pesquisa sobre mitologia grega para a disciplina de arte. Aos poucos, fui descobrindo outras mitologias: a indígena brasileira, a africana, a celta, a romana e tantas outras.

Podemos, pois, continuar essa reflexão com um questionamento: *“Mito, conto e história são a mesma coisa?”*. Mircea Eliade, estudioso de mitologia comparada, afirma que o mito conta sempre uma história sagrada, uma ação dos deuses, ou de um herói civilizador. Então, mito, conto e história, não podem ser a mesma coisa, pois, o mito, por definição, é uma palavra sagrada. No entanto, um conto ou uma história, podem revestir-se de uma roupagem sagrada ou mítica pela ação de um contador de histórias, pois, a preparação para a narrativa de um conto, história ou mito passa por um processo de reelaboração. O contador conhece e se apropria do que vai narrar, reelaborando a cada vez que a conta: *“O ponto central para um contador de histórias é justamente narrar a história oralmente, e assim se constrói um repertório a ser utilizado em diferentes ocasiões, e que tem sempre uma intenção, não contamos aleatoriamente ou sem preparação. A*

história é escolhida, pensada, refletida, muitas vezes contada antes para si mesmo e depois para o público.” (FREITAS, 2021, p. 20).

Vamos agora dar um passo à frente e retornar para antes de nossos parênteses. Um contador de histórias muitas vezes se sente escolhido pelos contos que narra. Os contos míticos me tocam de maneira especial, por isso me sinto escolhida por eles. Ao levar a experiência da contação para dentro da sala de aula, com o ensino médio, comecei por contar mitos gregos, pois estes chamam a atenção dos estudantes de forma especial, além de serem também os contos que eu conhecia melhor. Depois, passei a narrar os mais diferentes tipos de histórias e outras mitologias, levando em conta, principalmente, meu repertório anterior e, ao mesmo tempo, o desafio de ampliá-lo, trazendo novas histórias para ligá-las aos temas filosóficos que seriam trabalhados nas aulas. Todo esse movimento, no entanto, gerou uma questão fundante: *Pode uma contadora de histórias ser professora de filosofia?*

A partir da prática de contar as histórias em sala de aula, percebi que se oferece uma oportunidade única, a de formar laços com os estudantes e deles para comigo, com

a filosofia e entre eles mesmos. E como se ao contar um mito em sala de aula eu lançasse um fio que tem potencial para formar um laço:

Ao pensar em fios, imediatamente me remeto à narrativa de Ariadne, princesa cretense, que entregou para Teseu um fio que permitiu ao herói guiar-se dentro do labirinto construído por Dédalo, enquanto buscava matar o Minotauro. Em troca do fio, Teseu jurou à jovem princesa amor eterno. Oferecer o fio ao herói estrangeiro significou que a princesa rompeu o laço com a tradição. O labirinto fora construído para conter a besta-fera, meio homem, meio touro, a quem todos os anos eram oferecidos jovens para que ele devorasse. Teseu chega à ilha de Creta para matar o mostro. Mas, o rei, pai de Ariadne, não queria a presença nem a intromissão do estrangeiro em seu reino. A princesa desafia a autoridade paterna e vai ao encontro de Teseu, por quem está apaixonada, e lhe oferece ajuda. Ao sair fugido da ilha, após matar o Minotauro e escapar do labirinto, Teseu leva Ariadne consigo, mas ele a esquece na primeira parada que seu navio faz. A princesa fica de coração partido, aos cacos. Essa narrativa mitológica segue com a figura de Dionísio (filho de Zeus com

uma mortal), deus do vinho, do êxtase, do teatro, da loucura. Ele vaga pelo mundo sem rumo, em busca da sanidade que Hera, a esposa ciumenta de Zeus, lhe roubou. Em sua insana jornada ele chega à ilha de Ariadne, se encanta com ela. Faz dela sua esposa e a ama para além da morte, pois, quando ela morre, Dionísio desce até o submundo para resgatá-la (FREITAS, 2021, p. 23).

A figura de Ariadne surge, para mim, nessa narrativa mítica como um guia, pois em alguns relatos míticos ela é apresentada como uma divindade antiga, uma deusa da fertilidade e uma tecelã divina, que ensinou à humanidade a arte de fiar. Ela tece o fio da vida, como as Moiras gregas, porém, o fio tecido por Ariadne é o que liga as pessoas ao amor e às suas almas gêmeas. Esse é o fio que ela oferece a Teseu, para que ele não se perca no labirinto, e que ele despreza posteriormente. Depois ela é a guia de Dionísio, que também está perdido, em sua loucura. Ela lhe traz segurança e conforto, formando assim um laço que os une para além da vida. Ao tratar desses laços e fios, busco os fios que ligam mitologia e filosofia num contexto educativo e formativo. Nessa jornada aparece uma segunda

questão essencial: *O que é filosofia dentro do contexto do Ensino Médio?*

O filósofo argentino Alejandro Cerletti, um estudioso do ensino dessa disciplina, afirma que um professor de filosofia não pode ensiná-la a partir de lugar nenhum, ou seja, ele ensinará tendo como fundamento a própria concepção de filosofia. Se faz necessária aqui a compreensão de que filosofia não é de fácil definição e que, ao longo de sua história, os filósofos estão sempre em busca de responder à pergunta: “O que é Filosofia?” Sabemos que a palavra Filosofia, vem do grego e é a junção de dois termos Philós (amor) + Sophia (sabedoria), o amor ao saber. Essa é a raiz da palavra, seu significado, e, apesar de nos ajudar a compreender que a Filosofia sempre estará ligada à busca pelo saber, ela não define totalmente o que é. Vamos aprofundar um pouco mais essa visão. Hegel, filósofo moderno, afirma que a filosofia “rouba o chão” de quem a conhece pela primeira vez, deixa o estudante como que suspenso no ar, pois, ela desconstrói todas as ideias pré-formadas e invalida as respostas prontas. A filosofia quer sempre ir à raiz dos problemas que levanta, é

uma inconformada com o senso comum, quer sempre conhecer mais. Eu conheci a filosofia no ensino médio, quando cursava Magistério (curso que, na época, habilitava para lecionar para a educação infantil e fundamenta I), e a descrição de perder o chão se encaixa muito bem na sensação que tive ao começar o estudo dessa disciplina. O curioso, porém, é que, se a filosofia rouba se chão e destrói suas certezas cristalizadas, ela também oferece possibilidades de reconstrução. Cerletti chama a isso de “*desnaturalização do presente*”, esse processo é uma reflexão radical, no sentido de ir à raiz de aspectos que parecem naturais, mas que, na verdade, não são. São construídos pelos homens na cultura, história e sociedade e ensinados a todos como os únicos conceitos possíveis. Justamente a ideia que o estudo da filosofia questiona e quebra. Portanto, se não se ensina filosofia a partir de lugar nenhum. Eu me perguntei: Qual seria meu lugar filosófico? “*O lugar filosófico que me insiro e trago para o ensino é o da desnaturalização do olhar. Essa desnaturalização desdobra-se como leitura de mundo*” (FREITAS, 2021, p. 24).

Leitura de Mundo é um conceito pedagógico cunhado por Paulo Freire (1921 – 1997), educador brasileiro e doutor honoris causa em filosofia da educação. Freire, em seu método, pensado para alfabetizar adultos, nos mostrar que educar é ensinar a ler, no entanto, ler não é somente juntar as letras, mas sim, ler as letras e refletir sobre o que se está lendo, questionar, ler o mundo e a si próprio como partícipe desse mundo:

“Portanto, para Paulo Freire a leitura do texto nunca estará dissociada da leitura do mundo, e o sujeito também lê a si mesmo, ao aprender a ler as letras e o mundo em um único processo de ensino – aprendizagem. A leitura do texto se torna uma leitura encarnada na vida [...]” (FREITAS, 2021, p. 18).

Esse lugar filosófico, no entanto, é um lugar de uma contadora de histórias que, durante um tempo, ao passar a lecionar da educação infantil, onde a contação de histórias fazia parte do cotidiano, para o ensino médio, guardou os contos em sua sacola de couro; os espíritos dos contos, porém, começaram a sufocar, e, nessa realidade, percebi, com a ajuda de PAVONI, (2007, p. 17), que o conto cumpre uma função na educação. Ele ajuda o indivíduo a compreender melhor a si mesmo. Ao

ler ou ouvir uma história, um conto ou um mito, a pessoa pode se reconhecer em aspectos do conto, como quem vê a questão “de fora”, e reelaborar a partir daí seus processos internos. Logo, meu lugar como professora de Filosofia passa, por esses três fios: 1) a desnaturalização do olhar, trazida pela própria filosofia; 2) a leitura de mundo, leitura de texto e releitura do mundo, aprendidos com o Método Paulo Freire; e 3) a escuta do mito (história) e a reelaboração de si mesmo. Esses fios, unidos, formarão um laço entre mito e filosofia, mediados pelo método de leitura de Paulo Freire, que termina por se configurar em um jeito de pensar o ensino da filosofia, pois ensinar filosofia não é algo que passe apenas por uma boa didática, que obviamente, não pode ser desprezada, ensinar filosofia é, em si, um problema filosófico. Assim, penso que é importante destacar, que, para mim, a filosofia no ensino médio cumpre a função específica de ampliação do olhar, de desnaturalização de um mundo que está posto há anos como “normal”, mas que não o é de fato, e que pode e deve ser problematizado. Aqui se entrelaçam a visão de Paulo Freire e a postura de Cerletti, o que

culminará em uma didática que almeja ser pedagógica e filosófica a um só tempo: o estudante conta sua experiência por meio de questões de reflexão pessoal sobre o tema filosófico que será estudado, a partir de sua realidade. Depois, toma distância disso, ao escutar ou ler o conto mitológico (normalmente escutar). Em seguida, realizamos uma primeira reflexão, vendo quais as possíveis relações do conto com o tema que está em estudo. Passamos para a leitura, estudo e interpretação do texto filosófico, que difere da sua leitura e da escuta do conto - são registros de leituras diferentes. O texto filosófico é mais complexo, por vezes, difícil de compreender. A intenção é que o estudante possa emergir desse processo com outro olhar sobre o tema, o mundo e sobre si mesmo, mais amplo, desnaturalizado e mais questionador, para, enfim, reelaborar sua visão de mundo e de si próprio.

Esses fios, a leitura da realidade, escuta do texto, leitura do texto e releitura do mundo, são guias nesse labirinto de conceitos, afetos e anseios que é a sala de aula. O mito nesse processo todo tem lugar essencial, com o potencial de ser tanto “disparador” para a reflexão, quanto formador de laços.

REFERÊNCIAS

- BONAVENTURE, Jette. O que conta o conto? Coleção Amor e Psique. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- FREITAS, A. G. Pode uma contadora de histórias ser professora de filosofia? Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFABC. São Bernardo do Campo, 73p. 2021.
- PAVONI, Amarilis. Os contos e os mitos no ensino: uma abordagem junguiana. São Paulo: EPU, 2007.

O EXPANSIONISMO INCA

POR VINICIUS VIANA

Os Andes são uma colcha de retalhos cultural, abrigando em um espaço de mais de 5 mil anos de civilização uma grossa quantidade de culturas completamente distintas uma das outras e que ora coexistiram em grandes impérios, como o *tihuanaco* e *wari*, ora existiram de forma completamente independente, gerando traços culturais únicos, que posteriormente foram absorvidos ou completamente destruídos pelo maior e último império andino, o *Tawantinsuyu*, que será objeto de análise deste artigo, pelo qual desvendaremos as razões que levaram uma pequena tribo de provável origem amazônica a expandir sua influência cultural por uma área estimada de mais de 2 milhões de quilômetros quadrados.

Ao mesmo tempo que os *chimus*, grande império hidráulico, baseado

fortemente na leva de projetos de irrigação para áreas áridas da costa peruana, se expandiam por um território muito além dos culturais, uma pequena tribo vinda da Amazônia, com uma língua muito aparentada com os índios tampu da atual região do Urubamba, no Peru, chegava às terras extremamente férteis que circundam os rios Huatanay e Tullumayo.

Como todos os povos de origem andina, os incas se viam como *paqarina*, ou seja, um povo que tinha um local de origem tribal de onde vinha o seu ancestral fundador. Na história da criação inca, transmitida oralmente, eles tinham como origem a gruta de Paqatitampu, de onde havia surgidos quatro irmãos diferentes, que dariam origem a outros povos cusquenhos. Um deles era Manco Capac, fundador

de Cuzco, que perambulou por anos fincando um cajado de ouro na terra, até conseguir encontrar a terra prometida, onde seu cajado afundou. Lá, com auxílio de sua irmã-esposa, reuniu sob sua autoridade os povos que ali viviam em completa barbárie, levando-os ao caminho da retidão e da civilização.

Apesar dessa construção mitológica acerca da fundação de Cuzco feita pelos incas, é muito provável que já houvesse habitações anteriores a esse povo na região, mas é importante nos atentarmos ao caráter civilizatório imposto desde a origem dos incas. Em sua visão de Estado, os mesmos se viam como um povo moralmente correto e com a missão divina de levar os outros povos da região à civilização, tirando-os da barbárie.

Com uma origem muito mais tímida do que seus mitos contam, os incas se assentaram no vale de Cuzco na condição inicial de satélites de povos que lá viviam, como os Sawasiray, Allkawisa e os Maras, povos que também acreditavam descender dos quatro irmãos da gruta de Paqatitampu, e viviam sob a chamada confederação de cuzquenha, onde desempenhavam

papel religioso e político central, tendo os incas absorvidos muitos traços culturais desses povos, incluindo o idioma que viria a se tornar oficial, o quéchua.

O arranjo social da confederação funcionava em duas metades complementares, porém desequilibradas. Funcionava mais ou menos assim, “Hanan”, a metade de cima e também a metade forte, era constituída pelos habitantes iniciais de Cuzco, e “Hurín”, a metade fraca, era constituída pelos incas, vistos inicialmente como bárbaros invasores.

Aos Hanan cabiam as funções de estado, religiosas e administrativas da confederação. Aos incas, serviam as atividades militares, e lhes era imposta a condição de “bucha de canhão” da confederação, sendo os primeiros líderes incas conhecidos como “Sinchi”, ou chefes de guerra.

Ocasionalmente, a posição de desvantagem dos incas iria fazê-los construir uma expertise bélica por meio de numerosos ataques para saquear outros reinos. Com toda certeza, adquiriram conhecimento na arte da defesa, rechaçando muitos assaltos, e isso iria transformar o exér-

cito incaico em um dos mais bem organizados e formidáveis das Américas. Com a morte do líder dos Hanan, o Sinchi dos Incas, Manco Capác entraria em cena para fundar o império que se estenderia por todo o mundo andino.

Manco Capác rapidamente aproveitou a lacuna de poder para se apoderar da liderança dos *hanan*, acumulando suas funções e movendo a sua estátua solenemente para a parte alta, impondo a todos os aliados o culto ao Sol, assentando as raízes imperialistas que moveriam e guiarão todo o aspecto de expansão dos incas.

O imperialismo era um traço muito importante na justificativa da expansão dos incas. Eles usaram como pretexto para englobar o imenso território um motivo tão ironicamente similar ao dos espanhóis que viriam a conquistá-los: levar de civilização aos bárbaros.

Incumbidos desde o início de sua união com a confederação cuzquenha da missão de defender uma terra prometida e abençoada pelos deuses, os incas se viam como bastiões de uma moralidade que eles julgavam como corretas, encarregados de uma

missão civilizatória dada pelo próprio Inti. Como cita Henri Favre, no livro "A civilização Inca", "*Acusavam freqüentemente esses povos (conquistados) de praticarem o incesto, de comerem carne humana e de viverem em estado de guerra permanente; e iriam ensinar-lhes as relações de parentesco, o cultivo do milho e a arte de viver em paz que distinguia o "civilizado" do "bárbaro"* (FAVRE, 1998, p.26)

Apesar de muitas vezes levarem a guerra ao seu máximo requinte, tendo como base a maioria das suas conquistas, os incas não eram um povo considerado belicoso, eles viam a guerra como um mal necessário e a paz como o bem supremo concedido pela benevolência dos deuses.

O imperialismo inca, apesar de se basear fortemente em um ímpeto civilizatório, estava diretamente ligado a uma série de vitórias militares incaicas que mudaram a hegemonia dos Andes. Foi com uma grande, inesperada e retumbante vitória dos Incas sobre o reino de Chanka que catapultou a pequena confederação cuzquenha como liderança hegemônica regional. Toda conquista provocava, assim, uma nova guerra que desembocava em outras conquistas.

Os Incas jamais escaparam dessa engrenagem na qual sua feroz resistência à invasão dos *chanka* os fizera entrar, abrindo espaço para uma rápida e impressionante expansão de um exército muito maior e muito mais bem treinado que qualquer outro existente na região.

REFERÊNCIAS

- FAVRE, H. A civilização Inca. Trad. Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.



HYOGA DE CISNE

A SAGA DOS CAVALEIROS DOS ZODÍACOS

POR LEONARDO TONDATO

Grécia, Cinco Picos Antigos de Rozan, e agora o leitor seguirá com a viagem rumo à Sibéria, destino do treinamento do próximo cavaleiro.

É ele quem vem das geleiras, do frio, o cavaleiro de bronze de Cisne, Hyoga.

Hyoga de Cisne é um Cavaleiro de Bronze do século XX. Um dos órfãos reunidos por Mitsumasa Kido para proteger a deusa Atena. Nas frias terras das Geleiras Eternas, no leste da Sibéria, Hyoga torna-se cavaleiro, tendo como mestre Camus, o Cavaleiro de Ouro de Aquário, que manipula o frio. Seguindo os ensinamentos do seu mestre, ele tenta manter-se racional diante de tudo,

mas possui um lado emotivo que não consegue abandonar.

O nome Hyoga significa rio de gelo em japonês. Sua ascendência pelo lado materno é russa, ele é retratado como um estrangeiro loiro de olhos azuis, sendo que a maioria dos outros órfãos são japoneses.

De uma maneira geral, o desenvolvimento da série e os desafios dos cavaleiros mostram o amadurecimento dos protagonistas, cada qual com a sua demanda ou com o contexto principal que necessita ser trabalhado.

Veremos aqui alguns tópicos que servem como reflexão para a análise do personagem.

Hyoga e a função sentimento

Jung, em sua teoria, versou sobre a questão dos tipos psicológicos, tratada em um dos volumes de suas obras completas (volume 6). A teoria dos tipos é uma combinação entre funções e atitudes que explicam o funcionamento da psique. Uma questão interessante sobre a psique e a sua concepção na ótica junguiana é o fato da sua própria formação. Jung se aproxima da física como concepção de sistema e energia para comparar com o funcionamento da psique. Primeiramente, cabe o pensamento, reiterando a teoria junguiana de que a psique é um sistema relativamente fechado. Por que relativamente fechado? Porque se a psique fosse um sistema inteiramente fechado, as trocas não seriam possibilitadas. Também porque existem trocas de energia entre esse sistema e as diferentes partes que o compõem, tal como a trocas energéticas em física e as conversões energéticas. Colocar que a psique como sistema relativamente fechado pressupões que ela (psique) está sempre em troca, em relação com algo. De fato, todos os sistemas na natureza estão em troca constante, sem isso não há vida.

O pensamento junguiano também fala sobre a questão de função psíquica, que é utilizada como norteadora da psique para se orientar no mundo externo, são quatro as funções psíquicas:

- 1-Pensamento
- 2-Sentimento
- 3-Sensação
- 4-Intuição

Dentre as quatro funções, há classificação em irracionais (sentimento e intuição) e racionais (pensamento e sensação), a análise das funções será necessária para a análise geral.

1-Pensamento - O tipo pensamento se guia para ver o mundo, por meio de leis universais e suas aplicabilidades. Por exemplo: coloquei o dedo na tomada e levei um choque, logo, todas as tomadas que eu colocar o dedo, levarei choque. “É uma função intelectual, com o objetivo de compreender as coisas. As principais características do Pensamento são: A lógica, a racionalidade, a objetividade e a busca pelos resultados.” (Instituto Freedom)

2-Sentimento - O tipo sentimento se

vale das categorias de sentimento para ver o mundo. Erroneamente pensado como sem lógica, tal tipologia avalia as coisas através pela lógica do sentimento, do gosto ou não gosto. “A Função Sentimento é avaliadora, o trabalho exercido por ela consiste em aceitar ou rejeitar uma ideia, definindo-a como agradável ou desagradável. Suas principais características são: A Afetividade, a conciliação, o zelo por sua subjetividade e seus relacionamentos emocionais com as pessoas.” (Instituto Freedom)

3-Sensação - O tipo sensação avalia o mundo por meio dos órgãos do sentido. O mundo é percebido e traduzido em termos imagéticos e psíquicos com o tato, olfato, visão e paladar. “Sensação é uma percepção sensorial que consiste em todas as experiências conscientes produzidas pelos órgãos dos sentidos: Visões, ruídos, cheiros, paladares e todas as sensações que se originam no interior do nosso corpo. As características principais que nos remetem a essa função são: A utilização dos Cinco Sentidos, a percepção de algo concreto, o senso da realidade e a realização. Esta função também é muito ligada com o “Aqui e Agora””. (Instituto Freedom).

4-Intuição - De explicação mais complicada, a intuição não exige nenhum julgamento, ela simplesmente ocorre. Esta função possui uma maior facilidade de captação da atmosfera inconsciente dos fenômenos. “A Intuição não exige nenhum julgamento, pois o indivíduo não sabe de onde ela vem, nem de onde se origina. Esta função também é muito conhecida como percepção extrasensorial. Suas principais características: O Sexto Sentido, Imaginação, Visão de futuro, forte criatividade e facilidade para enxergar novas possibilidades.” (Instituto Freedom).

Algo chega, a sensação diz se aquilo existe, o pensamento mostra o que é aquilo, o sentimento atribui o valor de gostar ou não, e a intuição diz sua origem e para onde irá. As funções auxiliam a psique consciente a ver e apreender o mundo. A função principal é chamada de função superior. Esse termo não possui valor positivo ou negativo, mas sim como aquela função que o indivíduo mais utiliza para ver o mundo. Seguida da superior, existe uma função auxiliar, que ajuda a superior na visão de mundo. A terceira função também auxilia na visão de mundo, todavia é mais rudimentar e auxilia na complementação dos opostos, aqui vistos como

consciente e inconsciente, e é oposta à função principal.

A última função, também chamada de função inferior, é a mais inconsciente e a que o indivíduo menos se vale para ver o mundo. Por ser mais inconsciente, o grande trabalho para o indivíduo que cresce e se desenvolve rumo à individuação é justamente o confronto com a sua função inferior, que se mostra emergente na segunda metade da vida. A possibilidade de integração da função inferior se mostra um desafio e, ao mesmo tempo, um passo importante para o processo de individuação.

Hyoga de Cisne parece muito ligado às emoções, tentando colocar a sua racionalidade acima delas, porém sem conseguir. Ligado ao que gosta e ao que não gosta, pode-se pensar em uma possível tipologia de Hyoga como um tipo sentimento, muito ligado às emoções, inclusive utilizando tal ótica para fazer os seus julgamentos. Cabe mais uma vez reiterar que a função sentimento não deve ser compreendida como infantil ou sem lógica, ela possui uma lógica própria, que é o sentimento.

A última função, também chamada de função inferior, é a mais incons-

ciente e a que o indivíduo menos se vale para ver o mundo. Por ser mais inconsciente, o grande trabalho para o indivíduo que cresce e se desenvolve rumo à individuação é justamente o confronto com a sua função inferior, que se mostra emergente na segunda metade da vida. A possibilidade de integração da função inferior se mostra um desafio e, ao mesmo tempo, um passo importante para o processo de individuação.

Hyoga de Cisne parece muito ligado às emoções, tentando colocar a sua racionalidade acima delas, porém sem conseguir. Ligado ao que gosta e ao que não gosta, pode-se pensar em uma possível tipologia de Hyoga como um tipo sentimento, muito ligado às emoções, inclusive utilizando tal ótica para fazer os seus julgamentos. Cabe mais uma vez reiterar que a função sentimento não deve ser compreendida como infantil ou sem lógica, ela possui uma lógica própria, que é o sentimento.

Hyoga é, então, um tipo sentimento, com a intuição como função auxiliar, sensação como terciária e pensamento como inferior. O fato que justifica a função auxiliar do personagem como intuição é o fato dele simplesmente “só saber” o que ocorre, com

capacidade para compreensão das atmosferas inconscientes tanto dos companheiros, como dos inimigos e batalhas, aproximando-o da intuição. Como a função terciária é oposta à função auxiliar, esta seria a sensação. Por fim, a última função, mais inconsciente e cujo desenvolvimento é necessário, é a função pensamento.

Pode-se pensar também nas tipologias possíveis dos outros personagens principais (os cinco guerreiros de bronze) e suas tipologias possíveis.

Shun à Tipo intuição sentimento, tal como Hyoga, com função terciária sensação e inferior pensamento.

Shiryu à Tipo pensamento sensação, com função terciária intuição e inferior sentimento.

Seiya à Tipo sensação pensamento, com função terciária sentimento e função inferior intuição.

Ikki à Tipo intuição pensamento, com função terciária sentimento e função inferior sensação.

Hyoga e o complexo materno positivo

“Mamãe!!!! Mamãe!!!” Quem nunca ouviu Hyoga gritar ou proferir o nome mãe por diversas vezes durante o anime?

Ao começar o seu trabalho no hospital de Burgholzli e assumir a chefia responsável, Jung fez o teste de associação de palavras com os pacientes. Tal teste consistia em observar as respostas emocionais dadas às palavras – estímulos. Jung percebeu que algumas palavras produziam alguns efeitos emocionais que causavam maior tempo de reação / resposta. Algumas palavras, como pai e mãe, causavam reações emocionais que aumentavam o tempo de reação.

A partir daí, notou que algo ocorria no nível interno e que interferia no tempo de resposta de dada palavra, ou seja, notou que algumas palavras possuem associações afetivas. Os complexos são grupos de ideias inconscientes que possuem coloridos emocionais. Um complexo possui suas bases no inconsciente e, como já referido, há ligações emocionais que se aglutinam sobre tal tema.



É importante pensar que o complexo é autônomo, inclusive tal termo aparece na obra junguiana. Mas, a que se deve a autonomia do complexo? Ele não está submetido às questões da consciência, mas sim às do inconsciente. Quando um complexo está ativo, ele atua na consciência tal como uma possessão, pois o indivíduo fica tomado e possuído por aquela vivência complexa, e simplesmente atua. O que acontece é que o complexo irrompe na consciência e exerce a sua influência sobre ela, por isso o termo possessão.

Dentro de um complexo, há um núcleo arquetípico com tal temática, os arquétipos residem dentro do inconsciente coletivo. Sempre um complexo trará um núcleo arquetípico, mas cabe lembrar que o indivíduo não tem contato com o arquétipo em si, pois seria impossível abarcar toda a experiência da humanidade com um dado tema ou fenômeno, o que ocorre é o acesso às imagens arquetípicas.

Hyoga possui uma relação muito próxima com sua mãe, indo visitá-la após o naufrágio de seu navio para levar-lhe flores e permanecendo ligado a ela e ao mundo do materno. O tema “mãe” remete ao pensamento

mítico do mitologema mãe. Veremos exemplos de tal temática nos mitos.

A relação de Hyoga com a mãe parece ser simbiótica, até que um terceiro, no caso Camus de Aquário, entra e quebra a atitude simbiótica. Sobre a simbiose, pode-se pensar no mito de Deméter e a sua filha Perséfone. Alexandre Quinta Nova Teixeira, em 2007, escreveu sobre o mito, tal versão será utilizada.

No Olimpo (lugar onde moravam os deuses), Deméter se casa com Zeus e geram Core (a jovem). Um dia, Core estava brincando em Elêusis (lugar onde moram os mortais) e vê uma flor de narciso. Ela fica encantada e acaba cheirando esta flor, o que a deixa tonta (NARKÉ=Narcótico). Então, a terra se abre e Plutão vem numa carruagem para raptar Core e levá-la ao Hades (mundo dos mortos), pois havia se apaixonada por ela.

Deméter sente a falta de sua filha e fica louca a sua procura. Com isso, Deméter (Mãe Terra) sai do Olimpo e vai em busca de sua filha pelo mundo inteiro. Durante nove dias e nove noites a deusa fica a procurar sua filha, sem nenhuma pista. Enquanto Deméter está à procura de sua filha, a

terra fica sem vegetação e sem fertilidade.

No décimo dia, Hélio (deus do sol) diz a Deméter que viu Core ser sequestrada por Plutão em Elêusis. Deméter então se transforma em uma ama e vai conhecer Céleo e Metanira, que são reis de Elêusis, e cuida do filho do casal (Demofonte). Deméter decide transformar Demofonte em um deus para adotá-lo, levando-o ao fogo para sua purificação, mas sua mãe descobre e impede este processo com um grito.

Deméter diz que só volta ao Olimpo quando encontrar sua filha e pede ajuda a Zeus. Este manda Hermes, o deus do caduceu de ouro, ir para Hades e convencer Plutão de devolver a filha de Deméter. Hermes convence o irmão de Zeus a devolvê-la, mas antes, Plutão dá uma romã para ela comer. Deméter vai ao encontro de Core e, ao abraçá-la, sente que a filha está diferente e pergunta se ela comeu algo em Hades. Core diz que comeu uma romã e que por causa disso terá que passar um terço do ano em Hades. Assim Core se transforma em Perséfone, a esposa de Plutão.

Antes de voltar ao Olimpo, Deméter ensina os seus rituais para Célio e seu

filho Triptólemo. Quando ela volta ao Olimpo, a terra volta a ter vegetação e a ser fértil.

Célio funda os grandes mistérios de Elêusis que faziam parte dos rituais de fertilidade da Grécia durante os anos 1500 AC até 300 DC. Qualquer pessoa que falasse grego poderia participar desses mistérios. Os iniciantes assistiam ao mistério que era apresentado pelos sacerdotes. No final do mistério acontecia a "grande visão" quando era apresentada a espiga de milho, que simbolizava a fertilidade. Depois de assistir ao mistério, não se podia falar sobre nada o que havia acontecido, se a pessoa falasse, seria desmentida.

Antes de amplificar esse mito, eu darei o significado dos seus principais deuses (Deméter, Perséfone e Plutão). Deméter significa "a mãe-terra" e simboliza um excesso de proteção. Ela traz o dom da empatia, compreensão emocional e física das necessidades da pessoa. Tem a tendência de tratar os outros como se fossem seus filhos e sua preocupação principal está centrada na família. Deméter é regida por Eros (amor), o não-verbal, saciando as necessidades de seus filhos e tendo como princípio o corpo e o material. Em síntese, De-

méter representa o arquétipo da mãe.

Perséfone é a rainha do mundo dos espíritos, onde existe o que há de mais profundo no psiquismo humano. Ela vive no Hades e entra em contato com os conteúdos reprimidos, estando numa fase profunda do inconsciente. Plutão é o rei do Hades e rege o mundo inconsciente e as riquezas interiores. Sua missão é conduzir as pessoas para o caminho do autocohecimento e integração, levando-as ao seu processo de individuação. Esse deus é regido pelo logos (leis e limites), ética e princípio espiritual, voltado ao verbal e ao autocohecimento. Plutão representa o arquétipo do pai.

Podemos associar esse mito com a fase inicial do desenvolvimento do homem.

No início, quando Core ainda era um feto, havia uma simbiose entre ela e Deméter. Nessa fase, Jung se refere ao termo "ouroboros", símbolo de uma serpente que morde a própria cauda, e o início da vida. No ouroboros, o feto vive em equilíbrio e totalidade. O corpo da mãe e da criança se misturam e não podemos definir um e outro.

Quando a criança nasce, nós não conhecemos todas as forças que entrelaçam, cercam e enredam os relacionamentos entre mãe e o bebê pequeno. Só a mulher tem o dom da fertilidade, dando a luz e a vida a um novo ser. O mesmo acontece entre Deméter e Core. A menina tinha o amor, a proteção e a satisfação das suas necessidades que só a Grande Mãe pode proporcionar à sua filha. Com isso, não só Core, mas todas as crianças pequenas vivem no Olimpo, ou seja, "o paraíso da infância", que simboliza a consciência. Nessa fase, o bebê assume uma posição horizontal, vivenciando o arquétipo da mãe, que foi representado no mito pela Deméter "a mãe-terra".

Quando Core cheira a flor de narciso, fica tonta e é sequestrada por Plutão. A flor de narciso simboliza uma armadilha para que Core seja raptada. Esse rapto está relacionado à primeira experiência sexual, Core sai do "paraíso da infância" para entrar em contato com o mundo dos mortos ou o seu inconsciente. Com esse rapto, Core (a jovem) se transforma em Perséfone, que é a esposa de Plutão e rainha do inferno. Por ser rainha do inconsciente, ela lida com o que tememos e reprimimos. Se ela

estiver muito aflorada, pode levar a uma psicose.

Assim, Perséfone entra em contato com o arquétipo do pai. Deméter sente falta de sua filha, e Zeus manda que Hermes busque Perséfone. Plutão permite que Perséfone volte a se encontrar com a mãe, mas dá uma semente de romã para ela comer. Essa semente representa simbolicamente a sexualidade e a repressão de Plutão sobre Perséfone. Por causa dessa semente, Perséfone fica sempre entre o consciente e o inconsciente.

Esse mito é constelado em pessoas com traços infantis, que sempre precisam de outras pessoas para tomar as decisões por elas. No caso de Perséfone, ela depende da mãe ou do marido. Desta forma ela não tem maturidade, e apresenta recusa a crescer. Por isso ela tem medo de assumir sua própria individualidade.

Cabe pensar no mito, suas amplificações e sua aplicabilidade para a questão de Hyoga. Tal como Deméter e Perséfone, a simbiose também se encontra em Hyoga e Natássia. A relação simbiótica com a mãe e o complexo materno positivo, que é o exemplo de tal caso, podem fazer co-

mo que o indivíduo permaneça ainda ligado a aspectos infantis de sua personalidade e sempre ligado ao mundo da mãe. Com o passar da série clássica, Hyoga vai amadurecendo pouco a pouco, até que encontra Camus de Aquário, aquele que, com o seu grande poder de Cavaleiro de Ouro, faz com que o navio onde se encontrava o corpo de Natássia afunde em profundezas maiores do que as anteriores, sendo que o Cavaleiro de Cisne não mais poderia visitá-la.

Camus de Aquário atua como o Plutão da história. É ele quem literalmente corta o elo entre Hyoga e Natássia, tal como Plutão fez com Perséfone e Deméter. É ele que atua como o paterno e arquétipo que separa o mundo da mãe e do bebê. Tal ruptura leva a criança para o mundo externo, saindo da relação ourobórica com a mãe, na qual ambos existem como somente um. Introduz-se então um terceiro, o pai, que, com sua ruptura, expulsa a criança do paraíso edênico infantil, colocando-a no mundo externo e deixando a saudade de um paraíso infantil, que era, mas não é mais.

O cavaleiro de Aquário traz Hyoga para o amadurecimento e a raciona-

lidade, puxando-o para aspectos de responsabilidade e reflexões menos infantis, integrando aspectos de amadurecimento e resultando na ampliação da consciência. Hyoga agradece, posteriormente, ao seu mestre e ao aprendizado que ele lhe transmitiu, como pessoa e técnica que culminam no domínio do zero absoluto.

O simbolismo do cisne

O cisne possui alguns simbolismos interessantes. É conhecido pela questão da fidelidade à parceira e aparece na mitologia grega na história em que Zeus se travestiu de cisne para seduzir uma mortal. O site Infopedia apresenta algumas reflexões importantes sobre o cisne.

Em grande parte dos mitos e das culturas espalhadas por todo o mundo, o cisne branco é um animal associado à pureza e à luz, enquanto o cisne negro se associa ao oculto e ao misterioso. O cisne é ainda um animal que simboliza a fidelidade, a origem da vida e dos seres humanos, alternando entre o elemento feminino fecundado e o elemento masculino fecundador.

A simbologia do cisne branco como

ser de luz e pureza pode ter duas manifestações, uma solar e masculina, outra lunar e feminina. Quando assume as duas facetas, a solar e a lunar, torna-se um ser mágico e misterioso. Em muitas tradições o cisne é o símbolo da mulher e da virgem dos céus, que, em contato com a terra e com a água, dá origem aos seres humanos. Uma antiga lenda conta que um caçador encontrou um dia três mulheres muito belas que se banhavam num lago e que não eram mais do que cisnes despídos das suas penugens. Ao esconder uma dessas coberturas, o caçador impediu que uma das mulheres pudesse voar e casou-se com ela. A mulher-cisne deu-lhe muitos filhos e filhas antes de recuperar a sua plumagem e partir ao encontro dos outros cisnes.

Em outras tradições, como na Sibéria, o cisne é masculino e fecundador, e por esse motivo é saudado com orações pelas mulheres que os avistam no princípio da primavera. Na antiga Grécia, o cisne macho era o acompanhante permanente de Apolo, o deus da beleza, da música e da poesia, cujo carro celeste era puxado por cisnes. No mito de Leda, o cisne tem também uma simbologia masculina: Zeus se transforma em cisne pa-

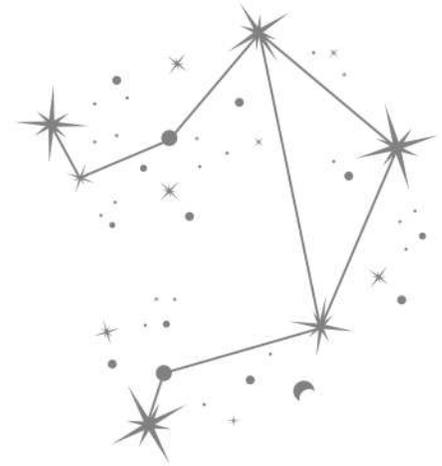
ra perseguiu-a, ela então foge, transformada em ganso, simbolicamente semelhante ao cisne fêmea.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO.J. Mitologia grega, vols 1,2,3,. Editora Vozes, 2018.
- JUNG.C.G. Obras Completas, Ed.Vozes, 2018.

Sites (Acesso em 15/09/2022):

- https://aminoapps.com/c/cavaleiros-do-zodiaco-rpg-2112434/page/item/hyoga-de-cisne/6P5R_56rFYI67RBgOo8BD68K5Q3K4j5do8E
- <https://institutofreedom.com.br/blog/tipos-psicologicos-atitudes-e-funcoes/>
- <http://institutojunguianorj.org.br/a-teoria-dos-tipos-psicologicos/#:~:text=A%2Ofun%C3%A7%C3%A3o%2Oterci%C3%A1ria%20%C3%A9%2Ouma,auxiliar%20na%2Oe%20scala%20de%20prefer%C3%AAscias.>
- Porto Editora – cisne (simbologia) na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-04-06 22:09:34]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$cisne-\(simbologia\)](https://www.infopedia.pt/$cisne-(simbologia))



*ARTIGO ORIGINALMENTE PUBLICADO NO SITE MINUTO OKATU E CEDIDO À REVISTA ELETRÔNICA MITOLOGIA ABERTA POR SEU AUTOR.

AMARU

MITOLOGIA INCA

POR OSCAR ERNESTO BARRIGA BERNEDO

Quando era muito jovem ouvi na escola uma lenda sobre como o império Inca foi fundado. Desde então sou totalmente apaixonado pelos mitos e lendas do mundo andino, quanto mais informações eu tinha, mais maravilhado eu ficava. Meu nome é Oscar Barriga e esta é "A fonte do Diosinka".

Esta é a primeira vez que me atrevo a publicar esse tipo de informação. Como havia dito, apaixonei-me pela minha cultura ancestral, o que me levou não só a procurar informação em livros ou na internet, mas também a viajar, com os poucos recursos que eu tinha, para poder entender oralmente aqueles mitos que não me deixavam dormir. Este é o caso dos Amarus, que nada mais são do que uma espécie de dragões do mundo andino. Os dragões como os conhecemos vêm do latim "draco" e do gre-

go *δράκων* ou *drákon*. São seres mitológicos que aparecem com simbolismos diferentes em várias culturas ao redor do mundo, dependendo da cultura de origem, aparecendo em poemas, histórias e até na Bíblia, na qual Satanás é chamado de "o grande dragão". Os mais conhecidos são os europeus e há também os orientais, tenho quase certeza de que você pode fechar os olhos e imaginar essas criaturas incríveis e mágicas que têm sido representadas até hoje através de filmes famosos.

Na cultura andina também encontramos esses seres mitológicos, com o nome de Amaru, Serpente em quechua, seres de tamanho enorme com corpo de serpente, asas de condor e rosto de puma. Existem versões que dizem que é o rosto de uma lhama ou vicunha, porém há algo

que pode fazer com que o rosto desse ser seja especificamente o de um puma, já que na visão de mundo andina o Amaru representava os três reinos, que foram divididos da seguinte forma: o Ukjupacha (sub-mundo), representado pela cobra; o Kaypacha (mundo terrestre), representado pelo puma; e o Hananpacha (mundo celestial); representado pelo condor. Assim, seguindo a visão de mundo e crenças andinas teremos a aparência do poderoso Amaru.

Esses seres foram criados pelo próprio pai criador, Wiracocha, que ordenou que fossem guardiões de seus filhos, os mortais. Reza a lenda que existiam dois amarus, um vermelho e outro prateado. Ambos viviam em harmonia com os mortais, mas um dos amarus queria ser ainda mais elogiado pelos humanos, o que fez com que ambos se enfurecessem e se enfrentassem. Durante esse conflito, destruíram tudo em seu caminho, fazendo com que os mortais fugissem em busca de refúgio. Wiracocha, vendo o que sua criação estava causando no mundo terreno, enviou seu filho Illpa (deus do relâmpago) para derrotar o amarus. Após um longo confronto, os amarus foram derrotados, o vermelho caiu e formou o que hoje conhecemos como

a Cordilheira dos Andes e o prateado, as Montanhas Nevadas. Mas este não é o fim dessas criaturas incríveis, pois alguns acreditam que eles tiveram seus próprios filhos, já que outras lendas andinas diziam que quando havia confrontos em batalhas o Amaru aparecia pelos céus dando a entender às pessoas que era um presságio de que esse seria o lado vencedor. Eu realmente gostaria de me aprofundar um pouco mais sobre essas criaturas fantásticas; de fato, na opinião deste humilde escritor, o Amaru deveria ser a criatura mitológica mais representativa do mundo andino, pois mesmo nos tempos incaicos ele era um símbolo de sabedoria. Alguns afirmam que esse ser foi esculpido nas casas incas de aprendizagem "Yachaywasi ou Yachay Wasikuna", mas muito pouco se sabe sobre essas criaturas fantásticas, alguns até as confundem com o Qhoa e também com Katari, que são outros seres mitológicos sobre os quais falaremos em uma oportunidade futura. Da mesma forma, há semelhanças com criaturas de outras culturas, como Kukulcan ou Quetzalcoatl.

É inevitável poder notar as semelhanças entre os mitos da minha cultura ancestral com os mitos mun-

diais. Acredito fielmente que em algum momento da história da Terra todos fizemos parte de uma única cultura, o que faz com que me apaixone pelos mitos e lendas, que têm muito a nos ensinar na atualidade. Antes de terminar, como sempre, digo a todos aqueles que leem meus livros: não fiquem sozinhos com as informações que dou. Investiguem, façam suas próprias hipóteses e descobrirão um mundo tão espetacular que tudo o que ele faz é nos unir.



Ilustração Amaru, capa de uma das HQ "Ayar", do autor.



Ilustração de uma das HQs "Ayar", do autor.

*ARTIGO ORIGINALMENTE ESCRITO EM ESPANHOL. TRADUÇÃO: LARISSA DIAS, REVISADO POR FÁBIA LUCAS.

A MULHER BÚFALO BRANCO

POR CYNTHIA SIMS

Há muito tempo, a nação Lakota, do centro-oeste norte americano, enfrentou um período de grande escassez. Preocupado, o chefe Lakota enviou dois guerreiros para caçar búfalos nas pradarias e trazer alimento para o povo.

Enquanto viajavam, os guerreiros avistaram ao longe uma grande nuvem branca. Ao se aproximarem, viram uma linda mulher, com longos cabelos escuros e vestida em peles de camurça branca, envolta por uma luz brilhante. Um dos homens ficou cheio de desejo por ela. Disse ao seu companheiro que tentaria conquistá-la como sua esposa. O outro avisou que ela parecia uma mulher sagrada (Wakan) e que sua tentativa de cortejá-la poderia ser vista como desrespeitosa.

O guerreiro ignorou o conselho, se

aproximou da mulher e a abraçou. A mulher o envolveu com seu xale e uma nuvem branca ocultou o casal. Quando a nuvem se dissipou, havia apenas a mulher misteriosa, intacta, ao lado de uma pilha de ossos. O outro homem, que havia presenciado tudo, ficou assustado e sacou seu arco, mas a mulher sorriu e o chamou.

“Consideras aquilo que vês. Quem só vê a beleza física, jamais conhecerá a Beleza Divina.”

(FONTE: www.xamanismo.com.br).

Ela falou calmamente na língua Lakota e garantiu que nenhum mal aconteceria aquele homem, pois ela podia ver a intenção do seu coração. E assim ele se tranquilizou.

A Mulher Búfalo Branco explicou que era uma mulher sagrada (Wakan), dotada de poderes espirituais, e que

lhe daria instruções sobre como reerguer seu povo.

“Vá até seu chefe, Chifre Oco em Pé, e diga-lhe que prepare uma tenda espaçosa para abrigar todo o seu povo e aguardar a minha chegada. Quero passar-lhes um ensinamento muito importante.”

(FONTE: www.xamanismo.com.br).

O homem voltou para seu acampamento e, assustado, contou ao chefe Chifre Oco em Pé o que tinha acontecido. Havia várias tendas (tipis) menores, e ele mandou reunir o material delas para construir uma única tenda bem grande onde todo o povo pudesse se reunir para esperar a mulher misteriosa. Prepararam um grande banquete, e quando tudo estava pronto, ela chegou.

Altiva, serena, com uma aura de dignidade que só poderia ser de uma deusa, a mulher entrou na tenda e deu uma volta completa no sentido do movimento do Sol. Então, postou-se à frente do chefe Chifre Oco em Pé e lhe estendeu a bolsa que carregava.

“Olhe para esta bolsa e ame-a sempre. Ela é muito sagrada, e debes tratá-la como tal. Dentro dela há um cachimbo

sagrado para seu povo enviar suas preces a Wakan Tanka, o Grande Espírito, teu Pai e Avô.”

(FONTE: www.xamanismo.com.br).

Ela abriu a bolsa e pegou o cachimbo, que era formado de duas partes: a haste, representando o princípio masculino, e o forninho, representando o princípio feminino. Juntas, as partes formam a totalidade do Ser. Ela ensinou então a utilizar o cachimbo – que se chama chanupa – como o primeiro dos sete ritos sagrados.

A consagração da chanupa permite a conexão com nossos ancestrais e com todos os seres vivos. A fumaça do Avô Tabaco eleva aos céus nossas preces.

“Quando o Cachimbo está abastecido, cada pitada de Tabaco é abençoada, assim como cada ramo de Nossos Parentes é convidado a entrar no Cachimbo na forma de espírito, para poder ser honrado e fumado. Honramos a Mãe Terra, o Pai Céu, o Avô Sol, a Avó Lua, as Quatro Direções, o Povo-em-Pé (árvores), o Povo de Pedra, os seres de asas, os seres de barbatanas, os de quatro patas (animais), os rastejantes, a Grande Nação das Estrelas, os Irmãos e Irmãs

do Céu, os povos subterrâneos, os seres do Trovão, os Quatro Espíritos Principais (Ar, Terra, Água e Fogo) e todos os seres de Duas Pernas da família humana". (SAMS, 1993, p.59).

Cada palavra dita por quem porta a chanupa é uma prece, e assim deve ser ouvida e respeitada por todos que estiverem presentes. O Cachimbo Sagrado – que nos desenhos animados ficou conhecido como o Cachimbo da Paz - tem o poder de selar a união entre todos os seres pela cura de todas as nossas relações. Desde aquele tempo, é usado em conselhos tribais como forma de harmonizar os diferentes pontos de vista e alcançar soluções satisfatórias para o bem maior de todos os envolvidos.

Depois de ensinar a importância do Cachimbo Sagrado e seu uso ritual, a Mulher ensinou ainda os outros seis ritos que deveriam ser praticados para que houvesse sempre paz, abundância e harmonia nas relações: a tenda de purificação (inipi), também conhecida como temazcal ou sweat lodge, que representa o retorno ao útero da Mãe Terra para purificação e renascimento; a Busca da Visão, o rito de quatro dias em isolamento e jejum no alto da montanha, implorando ao Grande Espírito por

uma visão que traga sabedoria e direcionamento para nossas vidas; a Dança do Sol, para se consagrar como um(a) guerreiro(a) da luz; a cerimônia Hunkapi, para fazer parentes e adotar pessoas no seio de nossa família; a cerimônia da menarca; o lançamento da bola sagrada às quatro direções, que representa a harmonização da comunidade; e a cerimônia de manter a alma, o rito fúnebre que dura um ano e purifica aquele que partiu deste mundo.

Após ensinar calmamente todos os sete ritos sagrados – praticados até hoje pela nação Lakota / Oglala Sioux e pelos estudantes do Caminho Vermelho – a Mulher se despediu e saiu. Todos viram sua forma mudar de uma bela mulher para um búfalo preto. Sua pelagem então mudou para vermelha e depois para amarela, até finalmente ficar branca, então ela desapareceu nas nuvens.

Para se conectar à Mulher Búfalo Branco, examine sua consciência e analise o quanto de verdade existe em suas palavras e o quanto você tolera os pontos de vista discordantes dos seus. A Mulher Búfalo Branco veio nos ensinar a viver em paz e a respeitar todos os Sagrados Pontos de Vista. Suas Guardiãs são as

13 Matriarcas dos Clãs Originais, que estão relacionadas às treze lunações e aos ciclos menstruais das mulheres. O estudo das 13 Matriarcas nos ajuda a compreender a Verdade, com seus diversos aspectos, às vezes sutis e complexos.

Consagre um cachimbo especial, de haste longa e forninho destacável. Ofereça suas preces com o melhor tabaco que conseguir adquirir. Fume o cachimbo em silêncio, sem tragar, observando os volteios da fumaça e mentalizando a paz e a devoção se elevando aos céus por meio da fumaça. Antes de pedir qualquer coisa ao Grande Espírito, reconheça e agradeça pelo que já tem. Torne-se um instrumento da paz e observe as transformações acontecerem na sua vida.

Aho Mitakuye Oassin!
(por todas as nossas relações!)

REFERÊNCIAS

- FAUR, Mirella. O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a deusa. São Paulo: Gaia, 2001.
- SAMS, Jamie. As Cartas do Caminho Sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SITE:

- www.xamanismo.com.br (Acesso em 05/10/2022).

A mensagem que a Mulher Búfalo Branco trouxe para o mundo contemporâneo é nos lembrar que todos nós, humanos, independentemente de cor, origem, gênero ou situação social, fazemos parte da complexa teia da vida e somente vivendo com respeito, harmonia e paz poderemos atravessar os períodos cruciais que nos aguardam. A lição da Mulher Búfalo Branco é: “viver em paz com todas as nossas relações” e “tudo o que fizermos à grande teia da criação faremos a nós mesmos, pois somos um unico ser vivo”. A expressão “por todas as nossas relações” é usada para representar o círculo da vida ao qual todos nós pertencemos, simbolizado pelo cachimbo sagrado. (Mirella Faur - FAUR, 2001)



LIVRO: Mitologia dos Orixás

AUTOR: Reginaldo Prandi

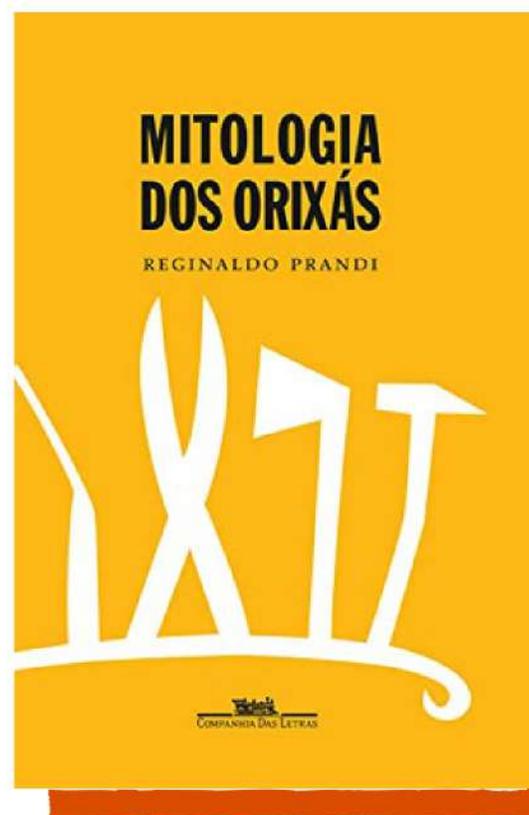
POR LARISSA DIAS

Este livro é simplesmente um dos clássicos quando se fala de mitologia! Publicado pela primeira vez em 2001, ele se tornou uma referência da mitologia africana!

O sociólogo (e meu parceiro de profissão) Reginaldo Prandi trouxe 301 relatos de mitos de diversas divindades, em mais de uma versão de cada um deles.

Logo no índice podemos perceber a variedade e o material que se apresenta, pois o autor separa os mitos pelos orixás que os protagonizam. Para quem não sabe, orixás é o nome que se dá para o conjunto das divindades que os iorubás cultuam.

Esta é a mais completa coleção de mitos da religião dos orixás já reunida em todo o mundo, trazendo mitos da criação, mitos de amor, mitos de guerra, mitos maternos e paternos, mitos andróginos, e inclusive mitos que explicam muito da curiosidade popular, como por exemplo, do por-



que Exu é chamado de "senhor das encruzilhadas".

Vale muito a pena adquirir esse livro, pois além de ser ricamente ilustrado, com fotos coloridas de todos os orixás que se manifestam em cerimônias do candomblé no Brasil, tem ilustrações do artista plástico Pedro Rafael. Uma leitura encantadora, surpreendente e cheia dos vestígios tão presentes na cultura brasileira do nosso dia a dia, pelo olhar sagrado dos orixás!



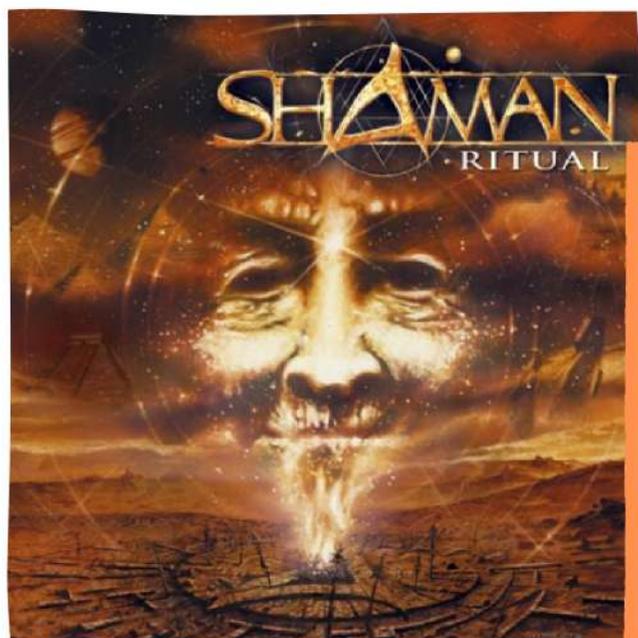
BANDA: SHAMAN

POR LUIS RIBEIRO – HELL YEAH!

A mitologia ritualística do Shaman

Quando o Angra teve sua primeira formação desmembrada, o núcleo que se desligou do grupo principal deu origem a outra das bandas mais importantes da história do Heavy Metal nacional, o Shaman. O direcionamento musical e os propósitos de Andre, Luis e Ricardo em sua nova empreitada apontavam para outros horizontes, mas o fogo que queimava dentro deles continuava o mesmo, e a riqueza musical, artística e cultural dos músicos inevitavelmente estaria com eles independente de que rumo suas carreiras tomassem.

Foi assim que, no ano de 2000, o Shaman surgiu, novamente levando a arte e a cultura de nosso povo mundo afora, conquistando de imediato antigos e novos admiradores dentro e fora das fronteiras do nosso país. Sua formação inicial contava com o Andre Matos nos vocais e teclados, Luis Mariutti no baixo, Hugo Mariutti na guitarra e Ricardo Confessori na bateria.



A mitologia adentra o contexto da banda desde sua origem, quando Luis Mariutti sugeriu o nome da nova formação como Shaman, inspirado no título de uma das músicas de Andre Matos no Angra, "The Shaman", presente no álbum "Holy Land", de 1996. Shaman significa "aquele que enxerga no escuro", e é uma figura comumente representada pelos sacerdotes que praticam a cura por meio dos elementos da natureza. De ascendência siberiana, os shamans popularizaram-se e tornaram-se presentes em praticamente todas as culturas do mundo, à sua maneira,



sendo genericamente referenciados nas práticas etnomédicas, mágicas, religiosas e filosóficas, envolvendo cura, transe, transmutação e contato entre corpos e espíritos de outros xamãs, de seres míticos, de animais, dos mortos, utilizando-se de uma linguagem, de certa forma predecessora ao que hoje entendemos como poesia, uma criação de circunstâncias linguísticas especiais como a canção e a invocação.

No Brasil, os shamans - ou xamãs - são especialmente representados pelos pajés das tribos indígenas. A palavra "pajé", de origem Tupi, se popularizou na literatura de língua portuguesa em alusão ao xamã. O xamanismo ou pajelança, representa a comunicação com entidades ancestrais por meio de cânticos, danças, e utilização de instrumentos musicais (maracá, zunidores) para captura e dispersão de espíritos malignos tipo mamaés e anhangás.

No Brasil rural e urbano, a despeito das tradições multiétnicas dos nativos, nota-se a presença dessas práticas médicas-religiosas em comum

acordo com rituais de origem africana. Esse xamanismo é conhecido em algumas regiões como pajelança cabocla, culto aos encantados, toré, catimbó, candomblé de caboclo, também encontrado em rituais de umbanda ou de tambor de mina e culto a Jurema sagrada. Atualmente no Brasil sabe-se de várias vertentes de neo-xamanismo ou xamanismo urbano, onde diversos grupos coexistem em tradições espirituais e uso de substâncias ligados à "novos" saberes ou tradições.

*"Uma palavra juntos eles vão gritar.
Folhas de cura, dentes de piranha,
ninguém sai deste lugar até o
amanhecer. Contra a paixão, pelo
amor. Comece a cantar, girar e girar,
livre-se de todos os seus pecados
agora mesmo",*

The Shaman - Angra (Tradução livre).

Após uma pequena turnê no ano de 2001 passando por algumas poucas cidades do Brasil e da Europa, o Shaman entrou em estúdio em 2002 para registrar um dos álbuns mais aclamados do Metal brasileiro, o icônico "Ritual".



Gravado no Brasil e na Alemanha e produzido por Sascha Paeth (Angra, Edguy, Avantasia, Epica), “Ritual” caiu imediatamente nas graças dos fãs e da crítica, resultando em uma turnê com mais de 130 apresentações, passando pela América do Sul, Ásia e Europa, culminando no clássico CD e DVD Ao Vivo, “RituAlive”. O sucesso foi tanto que a música “Fairy Tale”, a mais popular da banda, chegou a fazer parte da trilha sonora da novela *O Beijo do Vampiro*, da Rede Globo.

Sem nenhum destaque negativo, “Ritual” recebeu nota máxima em inúmeras resenhas e sagrou-se vencedor de inúmeras indicações ao melhor álbum do ano.

Sem mais de-longas, te convido a mergulhar comigo neste “Ritual” fantástico e arrebatador.

“Há um ritual ansiando por nós”,
Ritual - Shaman (Tradução livre).

“Ritual” carrega tradição e cultura desde seu nome, sendo fonte quase inesgotável para debates e pesquisas

acerca de seu conteúdo lírico, referenciando diversas mitologias de maneira principalmente alegórica ou genérica, dando bastante espaço para a interpretação pessoal de cada ouvinte.

Os rituais propõem um regresso a um tempo em que divindades, homens, animais e plantas se comunicavam entre si, e criavam sua própria existência por meio dessa interação. Essa comunicação ritual se estabelece entre seres humanos e seres não-humanos, como espíritos, divindades, subjetividades que habitam corpos animais e vegetais etc. Mas não podemos esquecer que essa comunicação por vezes acaba por se fazer entre pessoas de origens distintas: pessoas de outras aldeias, de outros territórios e até mesmo de outras etnias. Os rituais indígenas são uma celebração a essas diferenças.

Logo em sua abertura, o álbum celebra o culto a dois fenômenos naturais muito presentes e com inúmeros entendimentos distintos na mitologia de cada cultura: o vento de “Ancient Winds/Here I Am” e o trovão de “Distant Thunder”.

VITROLA DE ORFEU



Na mitologia grega, os ventos eram governados pelo deus Éolo, guardião dos ventos, que na Odisseia de Homero, era senhor da ilha Eólia, e tinha o poder de guardar os ventos em uma caixa, para ajudar e controlar as navegações. É do nome dele que surge a palavra “Eólico”, relacionada aos ventos.

Na mitologia Tupi-Guarani temos Polô, o deus dos ventos e da mensagem, que anda sempre acompanhado de Araras Azuis e Vermelhas. Polô é um grande velocista, capaz de cortar as estrelas e de roubar a velocidade de seus inimigos. A única maneira de superar sua velocidade é através de velocidade infinita, poder que apenas Tupã possui.

“Chamado de volta no tempo pelos ventos antigos. Você não consegue se lembrar de todas as memórias? Percorrendo o caminho perdido daqueles que viviam na solidão”,
Here I Am - Shaman (Tradução livre).

Dentre os deuses do trovão mais populares na mitologia, destacam-se Thor, deus nórdico dos trovões e das batalhas, e Zeus, deus grego dos céus,

dos raios, dos trovões e pai de todos os deuses olímpicos, com seus feitos amplamente difundidos até os dias de hoje. Na mitologia tupi-guarani, Tupã é conhecido como “O Espírito do Trovão”, o criador dos céus, da terra e dos mares, bem como de toda a fauna e flora. Além de ter ensinado aos homens a agricultura, o artesanato e a caça, Tupã concedeu aos pajés o conhecimento das plantas medicinais e dos rituais mágicos para a cura.

“Ouça o chamado de um trovão distante. Há uma voz no céu. A noite cai pesando sobre seus ombros. Como seus sentimentos por dentro”,
Distant Thunder - Shaman (Tradução livre).

Os movimentos migratórios de várias eras e suas implicações na cultura e na crença daqueles povos são o mote principal de “For Tomorrow”, com especial referência para os povos andinos, com a utilização da flauta de pã em sua composição e no trecho “Muito além do mar de árvores”, que provavelmente se refere à chegada dos ameríndios para a América do Sul por entre as florestas tropicais.

VITROLA DE ORFEU



“Dia e noite construimos um reinado com desejo celestial. Suor e sonhos compuseram os tijolos que levantaram nossas paredes”, pode se referir a pelo menos três dos grandes impérios ameríndios, mas levando-se em consideração o uso da flauta andina, a aposta mais segura que podemos fazer é que a referência se dá aos povos Incas, que também eram amplamente conhecidos pelos sacrifícios humanos aos deuses, conforme o trecho *“Prestando homenagem aos deuses. E o sangue continuou fluindo”*.

Para os incas, o criador soberano de todo o mundo era Viracocha, que criou a humanidade a partir do barro e os colocou em cavernas, de onde partiram para o mundo exterior. Viracocha também criou o sol, a lua e as estrelas a partir do lago Titicaca. Ainda assim, no entanto, a divindade mais importante para os povos incas era Inti, o deus do sol, que enviou seus filhos Manco Cápac e Mama-Quilla, para uma Terra caótica e escura, erguendo-se das águas do lago Titicaca e, em busca de um local para estabelecer seu reino, seguiram ao noroeste, até o vale do rio Huatanay. Ali, Manco revirou a terra com seu cajado, encontrou solo espes-

so e fértil e chamou o local de Cusco (“umbigo do mundo”). Cusco tornou-se centro do poder, da religião e da cultura inca. Manco Cápac se tornou rei e passou a ensinar a arte da civilização para os homens. Todos os reis incas se consideravam descendentes de Manco Cápac.

“Time Will Come” também traz temas observados de formas amplamente distintas pela mitologia: o tempo, a morte e a eternidade. Cada civilização teve sua própria experiência com o tempo. Os gregos, por exemplo, nos transmitiram essa experiência por meio do mito de Chronos e Kairós, deuses do tempo.

Chronos é o deus do tempo quantificado, aquele que se pode medir em horas, dias e anos. É o tempo corrente, a rotina, onde os minutos e dias se sucedem uns iguais aos outros. Chronos é representado como um velho tirano e cheio de crueldade, que controlava o tempo desde o nascimento até a morte, ditando aos mortais o que eles deveriam realizar. Do nome de Chronos se originam palavras como cronologia e cronômetro.



Kairós, por sua vez, é o deus do tempo oportuno, do momento adequado. Retratado como um jovem calvo com apenas um cacho de cabelos na testa, ele possuía uma agilidade incomparável, tendo asas nos ombros e calcanhares. Kairós corria rapidamente e só era possível detê-lo agarrando-o pelos cabelos, porém, depois que ele passava, era impossível trazê-lo de volta, e aos olhos mais desatentos, ele passava sem ser percebido. Kairós é o tempo que não cabe em Chronos, portanto, não pode ser contado, é o tempo que simplesmente acontece, sem obviedade ou hora marcada. Kairós representa os momentos que se tornam eternos em nossa vida, por mais breves que sejam. Os gregos tinham plena convicção de que com Kairós podiam enfrentar e combater Chronos, pois ao vivermos no tempo de Kairós, nossas oportunidades aumentam ao não nos deixamos tiranizar por Chronos, pois termos a consciência do momento presente, sem os fardos do passado ou a antecipação do futuro.

“A hora chegará e eu estarei lá eternamente para tomar sua alma e fazer você parte de mim”,
Time Will Come - Shaman.

Outras canções presentes em “Ritual” também abordam claramente temas como misticismo e mitologia, ainda que não de forma direta e careçam de fontes para uma referência mais exata, podendo inclusive tratar de temas mais cotidianos, metafóricos ou seculares, como nas canções “Over Your Head”, “Pride” e na própria “Fairy Tale”, apenas para citar alguns exemplos.

“As areias de ouro estão caindo do céu esta noite. O som, um milhão de vozes gritando. A profecia foi adiante com as estrelas. E agora eu sei que eu poderia ser o escolhido”,

Over Your Head - Shaman.

“Às vezes corremos, às vezes nos escondemos dentro de um buraco e desaparecemos. Viramos pedra. E deixemos o tempo cravar seus traços para abrir nossos olhos um dia”,

Blind Spell - Shaman.

VITROLA DE ORFEU



Com sua formação original, o Shaman também lançou em 2005 o álbum “Reason”, e posteriormente, apenas contando com Ricardo Confessori da formação clássica, lançou “Immortal” e “Origins”. Em 2018, a banda retornou com sua formação clássica para uma grande turnê, que foi interrompida em 08 de junho de 2019 por conta da morte inesperada do vocalista Andre Matos. Em setembro de 2019 a banda retornou aos palcos com Alírio Netto nos vocais, voltando a lançar um álbum de inéditas em 2022, o surpreendente “Rescue”, que resgatou as origens da banda, colocando-a novamente no posto de onde nunca deveria ter saído: o topo do Heavy Metal nacional. Mas isso é história para uma próxima coluna.

Você pode saber mais sobre o Shaman através de suas redes sociais [@shamanbandofficial](#) no Instagram e Facebook. Ouça o álbum “Ritual”, bem como todos os demais discos da discografia do Shaman, disponíveis em todas as plataformas digitais, ou adquira os materiais da banda em www.shaman.lojaintegrada.com.br

REFERÊNCIAS:

BULFINCH, THOMAS. O LIVRO DA MITOLOGIA. SÃO PAULO: EDITORA MARTIN CLARET, 2006.

WILKINSON, P. O LIVRO ILUSTRADO DA MITOLOGIA. TRADUÇÃO DE BETH VIEIRA. 2ª EDIÇÃO. SÃO PAULO. PUBLIFOLHA. 2002. P. 110.

MONTARDO, DEISE L. P. ATRAVÉS DO MBARAKA: MÚSICA E XAMANISMO GUARANI. TESES USP, 2002. DISPONÍVEL EM: ACESSO EM: 25 DE OUTUBRO DE 2022.

MATOS, ANDRE; MARIUTTI, LUIS; MARIUTTI, HUGO; CONFESSORI, RICARDO; RITUAL. SHAMAN, 2002. CD. FAIXAS 1 A 10.



HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: Pai do Mato

CONTADOR: Luiz Júnior

Região do país: Nordeste, Centro Oeste e Norte do país, especialmente em Alagoas, Pernambuco, Goiás e Rondônia

Origem: Indígena

Mais um gigante importado da tradição cultural europeia, o Pai do Mato tem, só de unhas, mais de 10 metros! É mais alto que qualquer árvore, mesmo as árvores ombrófilas amazônicas. É desgrenhado, pavoroso e grita alto, fazendo toda a mata estremecer. Sua função é de proteger os bichos contra as pessoas, atacando e engolindo, assim, caçadores e pescadores que estiverem cometendo atos ilegais.

Usa como montaria um porco-do-mato enorme, cavalcando o bicho velozmente. Em algumas comunidades indígenas, é descrito como um homem de altura normal e nariz azul. Seu ponto fraco é o umbigo e, para matar a criatura, seria necessário atirar exatamente nesse ponto – algo difícil, afinal ele é muito mais alto que a copa das árvores.

Dizem que ninguém jamais viu o Pai do Mato e voltou vivo para contar a história.

Na região de Pernambuco, assemelha-se mais ao Mapinguari, tendo feições mais animais. Em algumas regiões, pode ser conhecido como Ganhambora.

Uma curiosidade: as mães das crianças que não querem cortar o cabelo costumam chama-las de Pai do Mato.

Para Saber Mais:

ALVES, Januária C. Abecedário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Sesc/FTD, 2017.

Sites:

<https://www.sohistoria.com.br/lendas/emitos/mato/>

<https://www.eusemfronteiras.com.br/lenda-do-pai-do-mato/>

APROVEITEM OS CONTOS DA COLETÂNEA CORPO SECO E OUTRAS HISTÓRIAS, DISPONÍVEL EM E-BOOK NA WWW.AMAZON.COM.BR.



BANDA: Gojira

AUTORES: Autoconhecimento e Vistas do Onírico em nosso Multiverso!

POR FAGNER GABRIEL

Lançar-se ao precipício... Observar a parede fina da realidade, das emoções, das suas sombras que berram, solicitando afago e entendimento da vida ou da camada divina que habita em nós, é primordial e vai nos apresentando formas de cura (ou de que a insanidade está próxima), seja por meio de sonhos, subjetividades pronunciadas no campo físico e também alterações do campo magnético do seu corpo.

Para que exista um resgate do si, sobre quem de fato o indivíduo é nesta dimensão, é necessário compreender a sua solicitude, dimensões, caos e brutalidades inerentes, onde a nossa ancestralidade permeia as nossas relações desde eras remotas, elaborando um plano de fundo sobre quem seremos na encarnação atual e se iremos reproduzir vieses autoritários da nossa genética, pois muitas vezes estamos cegos e não expandimos o olhar para além das paredes do tecido fino da realidade...!

GOJIRA



Andreas Frohlich possui como ancestral um senhor de escravos e uma mulher chamada Leonora, que se divorciou do esposo em 1900, cuja memória se perdeu nas brumas do tempo por causa do machismo arraigado e cujo nome não podia ser mais pronunciado (mesmo nos anos 1980 ou em 1996). Somado a estas questões, sempre existiram muitos conflitos em seu clã, então Andreas herdou o mecanismo de defesa de ser mais um gerador de ira, alma boa que logo se enraivecia, sem controlar as emoções, durante os primeiros 33 anos de sua vida, que já se encaminha para o sentido da loucura, que é co-



mo muitos dos que vieram antes fizeram para amenizar as suas dores.

Corta!

Andreas sempre foi admirador da banda francesa de death metal progressivo Gojira, formada em 1996, em Baiona, França, cujas letras falam de forma ímpar sobre autoconhecimento, resgate, o mergulho profundo no Ser, o cosmos que habitam em nós, ativismo socioambiental e mais. Porém, entendia as suas letras de forma enviesada, teórica e ainda um tanto imparcial!

Corta!

Chegamos em Março de 2018, onde Andreas dá um basta, para de súbito em frente a um departamento na universidade onde estuda e resolve quebrar totalmente com os laços das ambiências de raiva que o limitavam, vindas diretamente dos seus genes, do não-controle das suas emoções e, principalmente, de ser como o poder do “One for all”, presente no Anime de Boku no Hero / My Hero Academia, com o personagem Izuku Midoriya, cujo prequel / individualidade (poder

que é repassado de geração em geração por cada usuário) possui as vontades dos seus antigos usuários. Se o usuário atual começa a ficar com raiva, as almas dos seus antecessores começam a clamar por cura e controle de si.

Andreas passou a meditar, observando a cura e a gratidão daqueles que vieram antes dele e falavam em seu ouvido que foi criado um novo presente e futuro e que ele foi o último da linhagem, quebrando a maldição!

Andreas tem como música preferida do Gojira, “Vacuity”, que vem do conceito budista de vacuidade, que é o olhar sobre a percepção da mente sobre o nada e o vazio existencial. Não existe bem ou mal, forte ou fraco.

Com o passar dos tempos, o estudo da impermanência o fez ter a experiência onírica do encontro com a Deusa Sheeva, que por vezes se apresenta por meio de sua chama votiva, queimando sobre o seu passado de priscas eras e dores, apresentando o ensinamento do con-



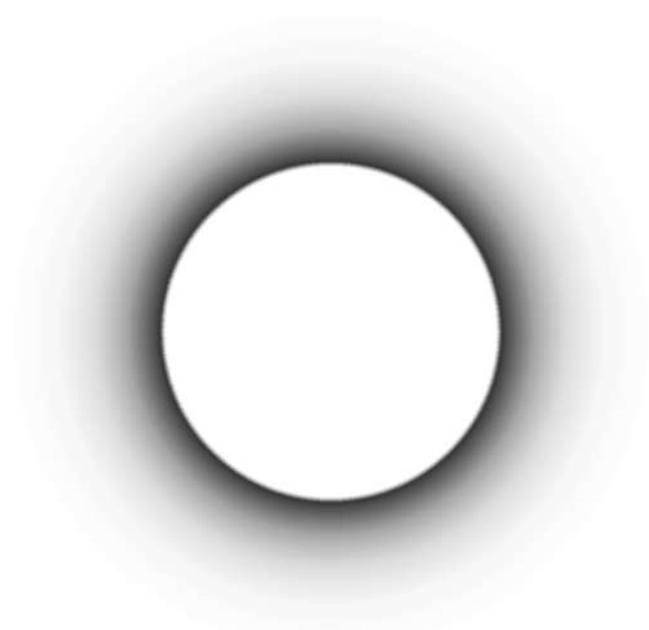
ceito de luzes e sombra x destruição para curar e sentir para aprender desaprendendo.

Ela se fez presente pela primeira vez quando Andreas estava tomando banho em uma lagoa e, em seu multiverso, avistou a deusa, para, logo em seguida, sentir ao longe a espada de Poseidon mostrando-lhe que o seu masculino tinha sido curado e sobre como lidar com os diferentes universos externos.

A visita de Poseidon com o seu tridente foi de máxima felicidade para Andreas e lhe despertou a vontade de mergulhar ainda mais nesse oceano de elevação de sua energia cósmica.

A cura dói!

A cura do seu Eu traz desconforto e poucos irão entendê-lo! A cura nos traz visitas como as descritas acima!





LETRA DE “VACUITY” – GOJIRA

A DOENÇA DESTE MUNDO ESTÁ
DESTRUINDO TODOS OS SONHOS
OS TOLOS SÃO REIS, RASGANDO A
ALMA EM PEDAÇOS
A CORRIDA PARA A REAÇÃO DE
COMUNICAR COMPLICAÇÃO
A FALTA DE CORAÇÃO DOS HOMENS,
EU CRESCO DISTANTE DO NÚCLEO
PEGO EMPRESTADO ESTE CORPO
PARA UMA VIDA, MATERIAL
TERRESTRE
MINHA ALMA DESVENDOU-SE ALÉM
DA MENTE
A CASCA RETORNA AO PÓ
EU FOCALIZO NO PRESENTE, ME
CONCENTRO NO QUE ENCONTRO
ACELERO A VISÃO MUITO ALÉM DA
MALDIÇÃO DO TEMPO
TRAGO LUZ À MINHA ATENÇÃO, AS
PAREDES DO VÁCUO CAEM
ESTA FORÇA AUMENTA E ME DIZ
PARA ONDE IR
SIGA, EU ENTRO EM MINHA
DIMENSÃO, CORAÇÃO DESPERTADO
PARA VIDA
APLICO OS MEUS SENTIDOS, ESTOU
ENTENDENDO
EU ENCONTRO A VONTADE DE VIVER
CORRETAMENTE
EU SINTO A MUDANÇA, EU VEJO O
CÍRCULO VICIOSO

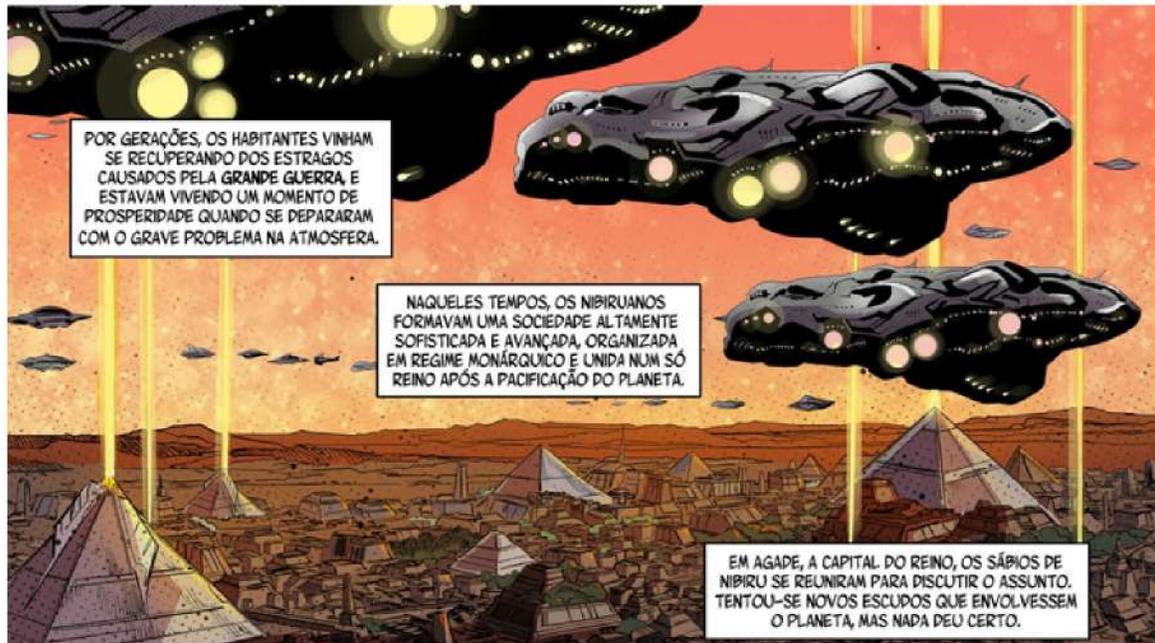
FINALMENTE SE TRANSFORMANDO EM
UM VIRTUOSO
TENDO O MUNDO INTEIRO EM
MINHAS MÃOS, PREENCHIDO
INFINITAMENTE
FORA DO QUADRO, ME SINTO TÃO
VASTO QUE SOU TUDO AO MEU
REDOR
INTERAÇÃO IMAGINATIVA
MAS EU CONTINUO LUTANDO
INTERNAMENTE PARA MANTER ISSO
PARA SEMPRE LÁ
É O MEDO DE CAIR NO ESPAÇO QUE
NOS IMPEDE DE COMPREENDER?
A ÚNICA MANEIRA DE ENCONTRAR O
PODER É OLHAR PARA DENTRO
AUMENTE SUA QUEDA DE PROPÓSITO
E DEIXE ESTE FLUXO DO RIO
AGORA VOCÊ MANTÉM ESSE SEGREDO
SURGIDO DO VÁCUO DO ESPAÇO
PERMANEÇA O QUE VOCÊ É, O
CENTRO DE SUA VIDA
VOCÊ CONSEGUIU ATÉ ESTE PONTO,
NINGUÉM PODE LHE DIZER COMO
VOCÊ RASTEJOU E SANGROU TODO O
CAMINHO, MAS VOCÊ ERA O ÚNICO
QUE ESTAVA RASGANDO SUA ALMA
EM PEDAÇOS, VOCÊ FINALMENTE SE
ENCONTROU



VAN TED
WAM NICK
137 STUDIO

#01
EDIÇÃO ESPECIAL
ORIGEM

A NONA ÁRVORE



POR GERAÇÕES, OS HABITANTES VINHAM SE RECUPERANDO DOS ESTRAGOS CAUSADOS PELA GRANDE GUERRA, E ESTAVAM VIVENDO UM MOMENTO DE PROSPERIDADE QUANDO SE DEPARARAM COM O GRAVE PROBLEMA NA ATMOSFERA.

NAQUELES TEMPOS, OS NIBIRUANOS FORMAVAM UMA SOCIEDADE ALTAMENTE SOFISTICADA E AVANÇADA, ORGANIZADA EM REGIME MONÁRQUICO E UNIDA NUM SÓ REINO APÓS A PACIFICAÇÃO DO PLANETA.

EM AGADE, A CAPITAL DO REINO, OS SÁBIOS DE NIBIRU SE REUNIRAM PARA DISCUTIR O ASSUNTO. TENTOU-SE NOVOS ESCUDOS QUE ENVOLVESSEM O PLANETA, MAS NADA DEU CERTO.



O TEMPO ESTAVA FICANDO ESCASSO...

... E TODA A VIDA DO PLANETA ESTAVA EM RISCO DE EXTINÇÃO

"E SE USARMOS O OURO?"



EM NANO PARTÍCULAS, CONSEGUIREMOS FIXAR NA ATMOSFERA!

SIM MAS... VAI PRECISAR DE REABASTECIMENTOS, E AQUI EM NIBIRU, O OURO É RARO.

PODEMOS ENVIAR NAVES PARA O BRACELETE ESCULPIDO!

LÁ TEM OURO!



MAS É UMA VIAGEM PERIGOSA!

E SE ACORDARMOS OS VULCÕES COM AS ARMAS DE TERROR?

BEM... ELLES PODEM RECUPERAR A ATMOSFERA.

SIM, MAS... SE OS VULCÕES NÃO DEREM CERTO, O PROBLEMA SÓ VAI PIORAR!

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



OS DIAS PASSAVAM SEM NENHUMA SOLUÇÃO. NA CORTE REAL, OS PRÍNCIPES ESTAVAM INQUIETOS. ACUSAVAM O REI LAHMA DE SER ACOMODADO.

ELES SAPEM QUAL É O PROBLEMA, MAS NÃO TÊM CORAGEM PRA FAZER O QUE TEM QUE SER FEITO!

MAS EU TENHO!

VAMOS DESTRONAR LAHMA!!!

ELEGEREMOS OUTRO REI!! UM HERDEIRO LEGÍTIMO DO GRANDE ANI!

QUEM TIVER SANGUE CORRENDO NAS VEIAS, QUE ME SIGA!!!

OU FIQUE AÍ ESPERANDO UM MILAGRE!...

ALALU TINHA ESPÍRITO DE LIDERANÇA, TINHA CARISMA! ERA ADMIRADO E RESPEITADO DENTRO DA CÔRTE. MUITOS PRÍNCIPES O SEGUIRAM SEM TITUBEAR.

LAHMA PERCEBU MUITO TARDE QUE A GUARDA REAL NÃO PODERIA CONTER A AVALANCHE FURIOSA.

FORA LAHMA!!!

GUARDAS!! ... GUARDAS!! SOCORRO!!!

ISSO... CORRA!

TER QUE CORRER ATRÁS DE VOCÊ SÓ AUMENTOU MINHA RAIVA E MEU DESPREZO!

VOCÊ VAI PAGAR POR ISSO!

"CERTAMENTE VOU. MAS POR ORA..."

"... FAÇA SUA ÚLTIMA ORAÇÃO, LAHMA! AGORA VOCÊ DEVE REZAR!"

A NONA ÁRVORE



"POBRE LAHMA, PARECE ALIVIADO DO FARDADO DE SER REI!"



"MATEI UM, SALVEI MILHÕES!"



"O REI NÃO ESTÁ MAIS ENTRE NÓS!!!"



"AGORA EU SOU O REI!"

"VIVA ALALU, O REI!!!"

"VIVAAA!!!"



"ESTÁ FEITO!"

A NONA ÁRVORE



ENQUANTO ALGUNS O IDOLATRAVAM SINCERAMENTE, A MAIORIA FALAVA PELAS SUAS COSTAS E O ACUSAVA SEVERAMENTE.

TRAIADOR!

ASSASSINO!

USURPADOR DO TRONO!

ALALU FINGIA NÃO PERCEPER. SABIA QUE O TEMPO PROVARIA QUE FEZ A COISA CERTA.

ELE SÓ PRECISAVA CONQUISTAR A CONFIANÇA DOS CONSELHEIROS E DO ALTO COMANDO MILITAR.

MAS HAVIA UM PRÍNCIPE EM PARTICULAR QUE PARECIA ESTAR MAIS REVOLTADO DO QUE TODOS OS OUTROS ...

ACALME-SE! ESTÁ QUERENDO MORRER?

ELE TEM RAZÃO! AGORA NÃO É O MOMENTO CERTO PARA SE EXPOR!

ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM!

... E OS CONSELHEIROS ESTAVAM DESESPERADOS.

QUEM É ALALU? E COM QUE DIREITO USURPOU O TRONO?

UM HORROR!

ASSASSINO DO REI, ISSO QUE ELE É!!!

ELE TERÁ QUE SE EXPLICAR DIANTE DOS SETE QUE JULGAM

E O DIA CHEGOU.

DIANTE DOS JUIZES, ALALU NÃO SE INTIMIDOU.

DESCENDO DE ANSHARGAL, NETO DE AN, O PRIMEIRO REI DE NIBIRU APÓS A UNIFICAÇÃO!

"ALAM, FILHO DE UMA CONCUBINA DO PALÁCIO, FOI O PRIMOGÊNITO DO GRANDE REI ANSHARGAL!"

"MAS KISHARGAL, A ESPOSA REAL, INVENTOU A LEI DA SEMENTE, QUE PASSAVA SEU FILHO ANSHAR, NA FRENTE DE ALAM!"

"ELE TINHA DIREITO AO TRONO..."

"PELA LEI DA SUCESSÃO!!!"

"ALAM FOI PRIVADO DA REALEZA!!!"

OS CONSELHEIROS TROUXERAM OS ARQUIVOS DA CASA DE REGISTROS, E VIRAM TUDO COM MUITA ATENÇÃO.

A NONA ÁRVORE



"DEPOIS QUE A GRANDE GUERRA ENTRE O POVO DO SUL E O POVO DO NORTE ACABOU, NIBIRU FOI UNIFICADA EM UM SÓ REINO, TRAZENDO A PAZ."

"PARA REI, ESCOLHERAM UM BRAVO GUERREIRO DO NORTE, E PARA SUA RAINHA, UMA JOVEM GUERREIRA DO SUL. AN E AN.TU, ASSIM FOI CHAMADO, O PRIMEIRO CASAL REAL. TIVERAM TRÊS FILHOS, TODOS HOMENS."



"O PRIMOGÊNITO ANKI, SUBIU AO TRONO APÓS SEU PAI, MAS MORREU SEM DEIXAR HERDEIROS. QUEM ASSUMIU O TRONO, FOI SEU IRMÃO ANIB."

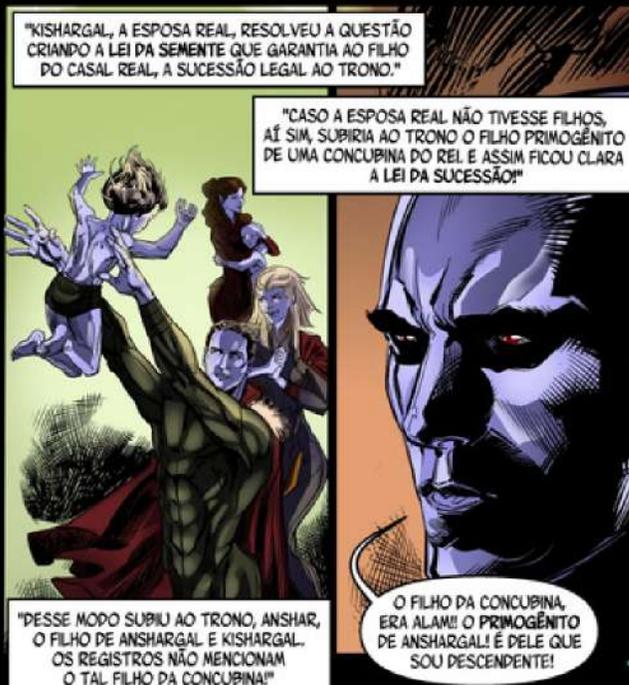
"APÓS ANIB, SUBIU AO TRONO SEU FILHO PRIMOGÊNITO, ANSHARGAL."

"FOI ANSHARGAL QUEM ESTABELECEU QUE UM HOMEM DEVERIA TER VÁRIAS ESPOSAS PARA QUE A POPULAÇÃO AUMENTASSE E SE EQUILIBRASSE NOVAMENTE, POIS APÓS A GRANDE GUERRA, O PLANETA ESTAVA DEVASTADO, E O NÚMERO DE HOMENS FICOU REPUZIDO AO EXTREMO."

"MAS ISSO TROUZE UM PROBLEMA: SE O FILHO DE UMA CONCUPINA NASCESSE ANTES DO FILHO DA ESPOSA REAL..."



"... QUEM SUBIRIA AO TRONO? O FILHO PRIMOGÊNITO OU O FILHO DO CASAL REAL?"



"KISHARGAL, A ESPOSA REAL, RESOLVEU A QUESTÃO CRIANDO A LEI DA SEMENTE QUE GARANTIA AO FILHO DO CASAL REAL, A SUCESSÃO LEGAL AO TRONO."

"CASO A ESPOSA REAL NÃO TIVESSE FILHOS, AÍ SIM, SUBIRIA AO TRONO O FILHO PRIMOGÊNITO DE UMA CONCUPINA DO REI. E ASSIM FICOU CLARA A LEI DA SUCESSÃO!"

"DESSE MODO SUBIU AO TRONO, ANSHAR, O FILHO DE ANSHARGAL E KISHARGAL. OS REGISTROS NÃO MENCIONAM O TAL FILHO DA CONCUPINA!"



"O FILHO DA CONCUPINA, ERA ALAM!! O PRIMOGÊNITO DE ANSHARGAL! É DELE QUE SOU DESCENDENTE!"



VOCÊ JURA QUE É DESCENDENTE DE ALAM, CUJO NOME NÃO É MENCIONADO NOS REGISTROS?

JURO PELA MINHA VIDA!



PELA LEI DA SUCESSÃO, ALALU TEM O DIREITO AO TRONO!

QUE ALALU SEJA O REI!

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



"O TRONO DO GRANDE AN É MEU!"

"POR MEU SANGUE..."

"POR MEU DIREITO..."

"POR MINHA CORAGEM..."

"EU SOU O REI!"





VAN TED



Em nossas andanças na busca de História em Quadrinhos mitológicas, encontramos a obra de Van Ted, essa incrível quadrinista, que nos traz nada mais nada menos que histórias sobre os Anunnaki!

Van Ted é escritora e pesquisadora da teoria do Astronauta Antigo, e grande divulgadora da obra de Zecharia Sitchin no Brasil.

Autora do livro Anunnaki - A Era dos Deuses, em sua segunda edição, é consultora da Revista UFO, a mais antiga publicação sobre Ufologia do mundo, e faz parte do corpo de conferencistas da Academia Brasileira de Ufologia.

Neste momento, apresenta seu primeiro projeto nesse universo mágico dos quadrinhos que levará aos leitores de Sitchin e ao público em

geral, a incrível saga dos Anunnaki na Terra!

Acompanhe seu trabalho pelo Youtube, no canal Universo Anunnaki.

Anunnaki

Os Senhores da Eternidade: Origem

Por volta de 1840, arqueólogos ingleses e franceses fizeram descobertas assombrosas!

Durante escavações nas ruínas da bíblica cidade de Nínive, encontraram palácios, templos, jóias, estátuas, a biblioteca de Assurbanipal II e, dentro dela, mais de 25.000 tabuletas de argilas, todas com escritos cuneiformes. Essas tabuletas continham de tudo: fatos históricos, poesias, mapas astronômicos, fórmulas matemáticas, plantas arquitetônicas, contratos comerciais, partituras musicais, e inclusive textos mitológicos que retratavam a vida dos deuses mesopotâmicos, desde suas genealogias aos seus feitos, conflitos, amores, e guerras...

Por muito tempo esse conhecimento ficou restrito ao meio acadêmico até que no final dos anos 70, o pesqui-

A NONA ÁRVORE



sador Zecharia Sitchin popularizou a história contida nas tabuletas de argila através de uma teoria fascinante que propunha que os deuses do mundo antigo eram, na verdade, extraterrestres vindos de um planeta muito distante. Uma ideia que só seria possível conceber à luz da Era Espacial.

De fato, a palavra acadiana Anunnaki, significa: “Aqueles que do Céu vieram para a Terra”...

É essa história, sob a perspectiva da teoria do Astronauta antigo, que você vai conhecer agora!

Edição #1 ORIGEM

Num distante planeta, os habitantes estão enfrentando um grave problema na atmosfera. Cientistas estudam meios de recuperá-la urgentemente. Enquanto isso, Alalu usurpa o trono real, mas é desafiado pelo príncipe Anu que alega ser o verdadeiro herdeiro do trono. Alalu perde uma luta justa e foge para a Terra, dando início a um movimento que resultará na colonização do planeta. Ele usará todos os recursos para voltar ao trono de Nibiru.

Edição #02: A COLÔNIA

Nos quatro cantos do mundo existem lendas de uma época em que deuses caminhavam na Terra, mas... Será que são apenas lendas?... Alguns pesquisadores como Erich Von Daniken e Zecharia Sitchin, encontraram na Arqueologia, vestígios que sugerem que sejam histórias reais. Bem reais!

Particularmente, como pesquisadora e estudiosa desse antigos textos, é impossível para mim não fazer essa conexão, uma vez que os avanços da medicina e da tecnologia chegaram a tal ponto que permitem a qualquer um entender claramente o antiquíssimo texto Atrahasis que, mesmo trazendo uma linguagem arcaica e alegórica, revela nítida e assustadoramente o processo de engenharia genética ao cruzar o DNA de um ser simiesco em estágio primitivo de evolução, com o DNA de seres mais avançados, provavelmente de um outro planeta.

Resolvi adaptar para os quadrinhos, os antigos textos das tabuletas de argila mesopotâmicas, hoje com 6 mil anos de idade, me apoiando na teoria

A NONA ÁRVORE



formulada por Zecharia Sitchin, juntando assim duas grandes paixões: A teoria do Astronauta Antigo, e o universo das Histórias em Quadrinhos!

Anunnaki - Os Senhores da Eternidade, é um projeto idealizado para uma minissérie em seis edições

contando toda a saga Anunnaki na Terra desde seu planeta de origem: o misterioso Nibiru. A primeira edição, "ORIGEM", foi financiada no Catarse em 2016 e lançada na CCXP Worlds no final de 2020. Agora você vai conhecer a segunda edição: A COLÔNIA!, a ser lançada na CCXP Worlds em 2022!

CONTATOS:

[HTTPS://UNIVERSOANUNNAKI.BLOGSPOT.COM/?M=1](https://universoanunnaki.blogspot.com/?m=1)

[HTTPS://UNIVERSOANUNNAKI.BLOGSPOT.COM/](https://universoanunnaki.blogspot.com/)

PARA ADQUIRIR A HQ:

INTAGRAM: @VAN_TED

[HTTPS://LOJA.UNIVERSOANUNNAKI.COM.BR/](https://loja.universoanunnaki.com.br/)

NOTA DA EDITORA:

VAN TED GENTILMENTE CEDEU AS PÁGINAS DA SUA HQ PARA A MITOLOGIA ABERTA, MOSTRANDO SEU TALENTO EM UM INCRÍVEL TRABALHO DE ADAPTAÇÃO DA MITOLOGIA MESOPOTÂMICA, USANDO A TEORIA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS, QUE FOI ABORDADA NO ARTIGO DE CAPA DA EDIÇÃO ANTERIOR. PARA QUEM GOSTA DESTA TEMA, É SÓ ENTRAR NA LOJA E ADQUIRIR A SUA HQ!



**cursos,
palestras,
eventos...**

NOV_2022

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastría, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**



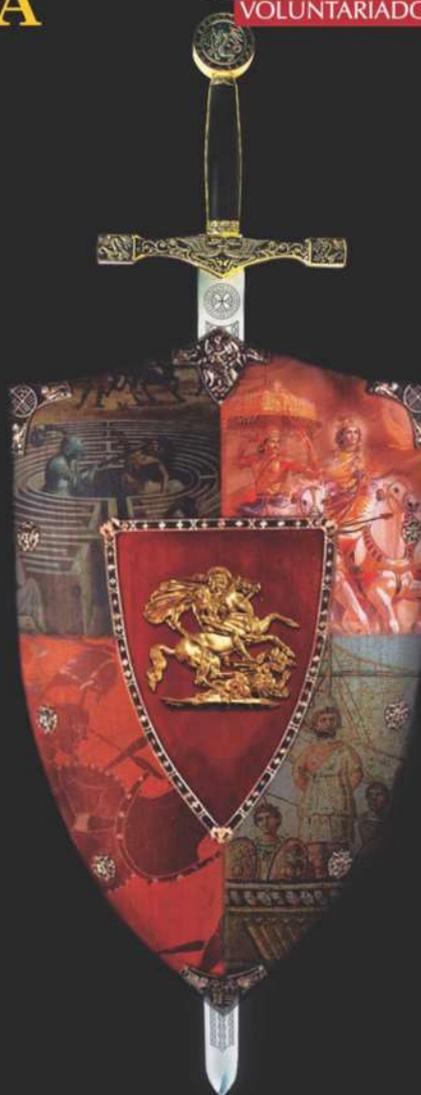
NOV_2022

XI SEMANA DA FILOSOFIA



O caminho
do *Herói*
e suas
escolhas

DE 16 A 18
NOVEMBRO
ÀS 20h



INSCRIÇÕES GRATUITAS!

chapeco@nova-acropole.org.br
www.nova-acropole.org.br



NOV_2022

CH-UL CENTRO HISTÓRIA UNIVERSIDADE DE LISBOA

GÉNERO E SEXUALIDADE NA MITOLOGIA GREGA

CICLO DE CONFERÊNCIAS
ONLINE | 17 HORAS (5.00 PM LISBON TIME)

04 de Outubro de 2022
Sexo, Género e Sexualidade: *para acrescentar confusão...*
Pedro Vasconcelos
(ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa)

18 de Outubro de 2022
Violencia, Violación y Metamorfosis en el Mito Griego
Marta González González
(Universidad de Málaga)

08 de Novembro de 2022
Sexuality and Gender in the Myths of the Amazons
Walter D. Penrose, Jr.
(San Diego State University)

Imagem: *Leda e o Cisne* atribuído a Peter Paul Rubens (c.1652)

Inscrição gratuita: gender.sexuality.ch@gmail.com

Coordenação:
Nuno Simões Rodrigues (CH-ULisboa)
Joana Pinto Salvador Costa (CH-ULisboa)

GI USOS DO PASSADO

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA FLUL FACULDADE DE LETRAS CH CENTRO HISTÓRIA FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia REPÚBLICA PORTUGUESA



NOV_2022

@mitosfera_

A IMAGEM MÍTICA

INTRODUÇÃO À MITOLOGIA COMPARADA

DE JOSEPH CAMPBELL

UM DOS MAIS IMPORTANTES ESTUDIOSOS SOBRE OS ASPECTOS UNIVERSAIS E PSICOLÓGICOS DOS MITOS

VAGAS LIMITADAS



CURSO

04 Encontros

01, 03, 08 e 10 de Novembro

Terças e Quintas - das 19 h às 22 h

Aulas Online via Zoom

Disponibilização das aulas gravadas

**INSCRIÇÕES E
INFORMAÇÕES
PELA SYMPLA
(LINK NA BIO)**





NOV_2022

@mitosfera_

A IMAGEM MÍTICA

INTRODUÇÃO À MITOLOGIA COMPARADA

DE JOSEPH CAMPBELL

UM DOS MAIS IMPORTANTES ESTUDIOSOS SOBRE OS ASPECTOS UNIVERSAIS E PSICOLÓGICOS DOS MITOS

“A mitologia é um sistema de imagens que dota a mente e os sentimentos de um sentido de participação num campo de significado”

— Joseph Campbell: Isto é Tu

Joseph Campbell foi um dos maiores nomes da mitologia comparada do Séc. XX. Um dos mais importantes estudiosos da psicologia e antropologia dos mitos. Sua vasta obra apresenta teorias sobre a importância dos motivos míticos através da história da humanidade e para a vida contemporânea.

OBJETIVO:

O curso tem como objetivo apresentar os principais conceitos teóricos abordados por Campbell nos estudos da Mitologia Comparada, trazendo para o público geral uma perspectiva psicológica da universalidade dos motivos míticos.

PARA QUEM:

O curso é ideal para pessoas que são psicólogas, terapeutas, alunas de psicologia, comunicadoras, escritoras e todas as pessoas interessadas em mitologia comparada em geral.

O curso tem caráter introdutório e, portanto, de fácil acesso ao público em geral.





NOV_2022

@mitosfera_

A IMAGEM MÍTICA

INTRODUÇÃO À MITOLOGIA COMPARADA

DE JOSEPH CAMPBELL

UM DOS MAIS IMPORTANTES ESTUDIOSOS SOBRE OS ASPECTOS UNIVERSAIS E PSICOLÓGICOS DOS MITOS

MÓDULO 01 - A IMAGEM MÍTICA - 01 de Novembro

Nesse módulo serão apresentados conceitos fundamentais sobre a universalidade dos motivos míticos e a manifestação mítica como imagem mental que provoca a participação a partir de sentimentos que apontam para um campo de significado.

MÓDULO 02 - AS FUNÇÕES DO MITO - 03 de Novembro

Nesse módulo será abordada a perspectiva psicológica do mito e suas funções.

MÓDULO 03 - AS ORIGENS DO MITO - 08 de Novembro

Nesse módulo será apresentada a perspectiva de Campbell sobre o surgimento e o desenvolvimento do pensamento mítico através da história da humanidade.

MÓDULO 04 - MITOS NA VIDA MODERNA - 10 de Novembro

Apresentação da importância da mitologia no desenvolvimento individual na perspectiva de Campbell.





NOV_2022

@mitosfera_

A IMAGEM MÍTICA

INTRODUÇÃO À MITOLOGIA COMPARADA DE JOSEPH CAMPBELL

UM DOS MAIS IMPORTANTES ESTUDIOSOS SOBRE OS ASPECTOS UNIVERSAIS E PSICOLÓGICOS DOS MITOS

- Evento Ao Vivo pela plataforma Zoom.
- Acesso a link exclusivo da plataforma Symppla
- Acesso às aulas gravados por 120 dias pela área de membros da plataforma Symppla.
- PDF dos slides das aulas.
- Grupo Exclusivo do Telegram
- Certificado de Participação
- Conteúdo Bônus (Duas Masterclass)

INVESTIMENTO: R\$249,00 à vista
ou em até 12x de R\$25,75, pela plataforma Symppla





NOV_ DEZ_2022

@instituto_ATENA



CURSO ONLINE

Heroínas e Heróis

Novas Datas - Próximas Aulas

08/nov **Psiquê**

22/nov **Orfeu**

29/nov **Ifigênia**

06/dez **Sísifo, Tântalo e Ixion**

13/dez **Electra**

Aulas ao vivo e online toda terça-feira, com apostila, roda de conversa e gravação do encontro.

Aceitamos cartão de crédito.



Inscrições pelo instagram @instituto_ATENA | R\$ 62,00 (cada aula)



DEZ_2022



17 e 18 de dezembro, em Brasília:

Vivência de Xamanismo Feminino – somente para mulheres

Cerimônias do Cachimbo Sagrado (chanupa), Concha-que-Fala, jornada do animal de poder, trabalhos com ervas medicinais, Cartas do Caminho Sagrado e muito mais!

18 de dezembro – abriremos nosso círculo para receber os homens numa Cerimônia de Cacau, celebrando o Solstício de Verão ao redor do Fogo Sagrado.

**Mais informações: instagram @tendadebrigid
whatsapp (61) 98206-4276**

**Cynthia Sims,
Multiplicadora de Xamanismo Universal**

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS



Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método "Jornada Vocacional", um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP. Roteirista de Histórias em Quadrinhos e Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos" e "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica".

www.larissadiaspsi.com.br

larissa@larissadiaspsi.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO



Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2>

PANTEÃO DE COLABORADORES



PATRÍCIA PINNA BERNARDO COLABORADORA DE ARTIGOS



Psicóloga (USP, 1982). Arte educadora (FAAP, 1980). Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP, 1994). Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP, 2001). Pós-doutora em Educação (USP, 2005) sobre o tema: Arteterapia e Mitologia Criativa. Coordenadora, orientadora e professora da Pós-graduação lato-sensu em: Arteterapia (de 2004 a 2021 em parceria com a Universidade Paulista e a partir de 2023 em parceria com Nazaré-Uniluz). Criadora, coordenadora e professora das Pós-graduações em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica* (de 2012 a 2021), e em Mitodrama e Teatro Arquetípico: Arteterapia em Cena (de 2019 a 2021), ambas em parceria com a Universidade Paulista. Atua como Professora Universitária em cursos de graduação e Pós desde 1995 (Psicologia, Pedagogia, Artes Plásticas, Musicoterapia, Arte-educação, Arteterapia). Supervisora de trabalhos clínicos e institucionais, e coordenadora de Workshops e cursos livres sobre Arteterapia, Mitologia Criativa Comparada e Psicologia junguiana. Psicóloga. Arteterapeuta. Tem experiência na área de Psicoterapeuta, artpsicoterapeuta, atuando com todas as faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e em diferentes campos (institucional, pedagógico, terapêutico). Autora e editora da coleção A Prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos (6 volumes) e da série: Jogos Arteterapêuticos (2 volumes). **Essa Pós infelizmente foi plagiada por outras universidades fora de São Paulo, portanto Patrícia pede que seja esclarecido que respondeu como professora e coordenadora apenas pelas Pós em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica com diploma dado pela UNIP entre 2012 e 2021, sendo que outras Pós ou cursos com esse mesmo nome tratam-se de plágios (os objetivos pedagógicos e várias disciplinas foram meramente copiadas do site da UNIP).*

Site: <http://patriciapinna.blogspot.com/>

Instagram: [patricia.p.bernardo.1](https://www.instagram.com/patricia.p.bernardo.1)

Canal do Youtube: Patrícia Pinna - Arteterapia.

ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS COLABORADORA DE ARTIGOS



Nasceu em São Paulo Zona Leste, é contadora de histórias e Professora de filosofia na rede estadual de São Paulo.

Mestre em Filosofia pela UFABC - Universidade Federal do ABC, Cientista da Religião pelas Faculdades Integradas Claretiana de São Paulo, licenciada em Filosofia pela UNIFAI - vila Mariana. Pós graduada em Educação pela PUC-SP e em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia analítica pela UNIP- Vergueiro. Trabalha com Contação de mitos, contos e histórias em suas aulas de filosofia e ama mitologia.

Criadora da página Café Filosófico, no Facebook, que aborda a filosofia por meio de contação de histórias e mitos para interessados no tema:

<https://www.facebook.com/groups/265668807998921/abo>

PANTEÃO DE COLABORADORES



LEONARDO TONDATO COLABORADOR DE ARTIGOS



Psicólogo (UNIP), historiador (UNICSUL), filósofo (UNICSUL), especialista em psicoterapia junguiana (UNIP), especialista em psicanálise dos contos de fada (FACUMINAS), especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica (FACULESTE), mestre em Gerontologia Social (PUC), doutorando em Ciência da Religião (PUC). Membro do corpo docente e de supervisores do Instituto Olhos da Alma Sã, membro efetivo da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos), ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), membro da Joseph Campbell Foundation e SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEÁfrica), Diretor clínico e de pesquisa da ONG Or Avrohom. Embaixador do site Minuto Otaku.

Contatos: leo_tondato@live.com

Face: Leonardo Tondato

Insta: leo_tondato

Whatsapp (11)94645-5673

CYNTHIA SIMS COLABORADORA DE ARTIGOS



Multiplicadora de Xamanismo Universal (método Léo Artese), criadora do grupo Tenda de Brigid - Círculo de Mulheres Virtual para estudo e conexão com a Deusa, com assuntos como Tarot e Oráculos, o ciclo menstrual e a Lua, cerimônias e rituais, sabbats, terapias holísticas e medicinas da floresta que apoiem o despertar da DEUSA como princípio divino expresso em cada Mulher. Grupo somente para mulheres.

Contato: <https://linktr.ee/tendadebrigid>

PANTEÃO DE COLABORADORES



OSCAR ERNESTO BARRIGA BERNEDO COLABORADOR DE ARTIGOS



Nasceu em Mollendo – Arequipa – Peru. Contador público, criador e diretor de sagas de ação e aventura baseadas na mitologia andina como Ayar - a lenda dos inkas, um item de colecionador que já conseguiu se internacionalizar, Pachacutec que muda o mundo, Nazca guerreiros do deserto que é uma graphic novel, vencedora do concurso de apoio a autores criativos na categoria jovem pelo ministério da Cultura, Condecorado pelo Congresso da República pelo impacto na promoção da identificação nacional dos nossos produtos em 2018 e também pelo município de Mollendo como cidadão ilustre 2019; colunista num jornal de circulação nacional na área do empreendedorismo ao abrigo o título Paradigmas; palestrante nacional e internacional idealizador das palestras e "Oficina aprende e empreende", integrante do círculo de excelência de Leader sem limites, autor de canções folclóricas e metal com temática andina, consultor de negócios 2021. Da mesma forma como gerente geral da empresa Tawa Producciones, que é produtora de vários produtos nacionais e internacionais, fomos premiados com o Serviço Peru Prêmio Summit 2014 na categoria inovação empresarial – PROMPERU. Empresa destaque da macro região sul 2015 pelo MINCETUR Decoração do congresso da república 2016 pela obra Mariano Melgar; Condecoração do PCC e do Governador de Nevada 2017 Por promover a identidade nacional e destacar a imagem ancestral do Peru no mundo. Prêmio Mollendo-Islay 2016 Pela dedicação e inspiração do quadrinho Ayar a lenda dos incas Finalista do concurso de inovação CCL – PRODUCE 2017, Concedido pela PROMPERU como exportador de serviços 2019, Concedido pelo congresso da república pelo trabalho AYAR LA LEGEND OF THE INKAS pela promoção da identidade nacional, bem como pelo Sistema Econômico Latino-Americano e do Caribe (SELA) como promotor da economia criativa em 2020, Vencedor dos projetos coletivos MINCUL Covid 2020, Vencedores do prêmio LANFIER 2021 para a carreira profissional, Vencedor dos incentivos econômicos à produção de 2021, embaixador cultural da Feira Virtual do Livro, Convidado de honra do fil de Guadalajara 2021 e da feira internacional de Bolonha 2022.

E-mail: oscarbabe13@gmail.com - linajedelsol@gmail.com

VINÍCIUS ALVES DE OLIVEIRA VIANA COLABORADOR DE ARTIGOS



Natural de Recife-PE, viajou boa parte dos estados brasileiros, tendo um contato único com a cultura, e assim, gerando um grande interesse por história. Entusiasta da história mundial, mas com foco na história pré-colombiana, atualmente escreve para a @snackhistorico, utilizando sempre de critérios rigorosos para postar suas pesquisas e informar de forma lúdica a criteriosa sobre a história global.

Instagram: @snackhistorico

PANTEÃO DE COLABORADORES



BERTHO HORN

COLABORADOR ARTÍSTICO



Autodidata, trabalha desde os quinze com ilustração. Colaborador de centenas de fanzines como editor e ilustrador; Atuou com editoras nacionais como Editora Abril, jornais, em suplementos semanais de cultura e arte, revistas como a 100% SkateMag (sempre com ilustrações e/ou design de página). Atua ocasionalmente com editoras, agências e escolas internacionais. Ministrou aulas e muitas oficinas de desenho e histórias em quadrinhos e fez diversas capas de CDs para bandas. Desenvolve design de personagens para vídeo games, histórias em quadrinhos e espetáculos teatrais. Atua em teatro em projetos de cartazes, fotografia cênica, iluminação, figurino, cenário e até direção de arte. Recriou, numa versão com atmosfera sombria, os personagens do espetáculo Gota D'água do NAC do SESI. Tem um grupo de teatro, o Subteatrágicos. Fez trabalhos para publicidade nacional e internacional. Trabalhando com cinema, televisão e rádio. Ganhou alguns prêmios tanto nacionais quanto internacionais. Escreveu livros, contos, espetáculos, crônicas e muitas, muitas, mas muitas tiras em quadrinhos.

Contatos:

Instagram: @berthohorn

VAN TED

COLABORADORA ARTÍSTICA



Van Ted é escritora e pesquisadora da teoria do Astronauta Antigo, e grande divulgadora da obra de Zecharia Sitchin no Brasil. Autora do livro Anunnaki - A Era dos Deuses, em sua segunda edição, é consultora da Revista UFO, a mais antiga publicação sobre Ufologia do mundo, e faz parte do corpo de conferencistas da Academia Brasileira de Ufologia.

Contatos:

Instagram: @van_ted

<https://loja.universoanunnaki.com.br/>

PANTEÃO DE COLABORADORES



FÁBIO GIMOVSKI COLABORADOR ARTÍSTICO



Quadrinista e editor, criador da Editora Urukum, Fabio Gimovski é autor de diversos livros, romances gráficos e literatura infanto-juvenil. Publicou os romances: "Imenso Mar", "O Vento e a Sacerdotisa", "Morianana", "Afetos Essenciais", "Pessoas Imperfeitas" e "Estrelas de Papel". Na linha infanto-juvenil, publicou: "A pele da Terra", "Cara roxa e Cara preta", "Um conto de chuva", "Vagalume", "Penélope", "Estrelas do ar", "Estrelas do mar", "Um conto de floresta", "A coisa mais velha" e "Lunara". Como quadrinista, publicou os romances gráficos: Samaúma, Ancestrais da Terra, Nos caminhos de Juramidã e seu mais recente lançamento, ainda em campanha no Catarse!, Txai - Terra sem Raízes. Fábio também publicou três oráculos: "Coração Xamânico", "Amanhecer" e "Mandalas Sutas".

Contatos:
editoraurukum.com.br
[@urukum Editora](https://www.instagram.com/urukum Editora)

ITALO ZANATTA COLABORADOR ARTÍSTICO



Artista que desde pequeno sempre se interessou pelo mundo da arte, tendo como referências os filmes da Pixar, Disney e Scooby-Doo. No universo do desenho, procura trazer vida aos personagens que o inspirou. Cursa aulas de desenho e pintura, continuando como esse sonho de trazer essas imagens e ideias para quadros e telas.

Contatos:
E-mail: zanattaitalo80@gmail.com / Instagram: [@apowia_](https://www.instagram.com/apowia_)

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

FAGNER GABRIEL COLABORADOR CINEMATOGRAFICO



Professor, possui Licenciatura plena em Educação Física, Divulgador Científico, colunista do site Cria do Rock, Graduando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense, Curador e Idealizador do canal e Projeto Free Art, Especialista em Docência do Ensino Superior pelas Faculdades Cândido Mendes, aluno iniciante do idioma Japonês. Atuação como Tutor, orientador acadêmico, Revisor, transcritor de áudio através de textos. As suas pesquisas estão dentro do recorte da cultura pop e oriental, Animes, séries, perspectivas fílmicas e trazendo o legado da desocidentalização, desenvolvimento e rupturas para as suas aulas e produções, Antropologia Biológica, suas convergências com ciências exatas e humanas

Linktr.ee: <https://linktr.ee/producoesFagnerGabriel>

@producoesFagnerGabriel

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCD3rmUPYIvPscFAsiIiKsNw>

Instagram: <https://www.instagram.com/projeto.freeart/>

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa, levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental, com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

ÉRICA DIAS

TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.eric14@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Querido Leitor Mitológico,

A Revista Mitologia Aberta é meu grande orgulho, pois todas as vezes que penso: "nossa, será que teremos artigos para a próxima edição?", os deuses fazem acontecer e sempre antes de lançar uma edição, todos os artigos da próxima já estão fechados!

Para começar os agradecimentos, agradeço a querida mestra Patrícia, por ter aceitado o desafio de escrever um artigo sobre a nossa belíssima capa! Patrícia é uma das professoras de mitologia mais criativa e encantada que já conheci! Agradeço a outra mestra super inteligente da Mitologia, Adriana, uma incrível filósofa, que ficará feliz de estar na mesma revista que a Patrícia, pois fomos alunas dela juntas! Agradeço ao Léo, que nos trouxe mais um artigo maravilhoso falando sobre os Cavaleiros do Zodíaco, personagens já íntimos da Mitologia Aberta. Agradeço ao querido Vinícius, que nos brindou com seus conhecimentos históricos em um artigo sobre a origem dos incas. Agradeço ao querido Oscar, por nos doar seus conhecimentos da mitologia andiana em um artigo único (único mesmo, pois vocês só vão achar essas histórias de tradição oral aqui!) e revelador! E agradeço a querida Cynthia, que nos brindou com seus conhecimentos do sagrado feminino em um artigo belíssimo, tão belo quanto seu trabalho com as mulheres na Tenda de Brigid.

Agradeço ao Luiz Júnior, por trazer outro personagem muito intrigante da cultura nacional para as Histórias da Vó Tiana. Agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela incrível parceria de sempre e por encher de bandas mitológicas a nossa revista, além de ser um incrível parceiro, agora também de lives! Agradeço ao parceiro Fagner, pelas inúmeras divulgações da nossa revista e por nos brindar com seu texto para os Arquivos de Loki e com o poema da contracapa!

Agradeço novamente ao querido Ítalo, artista da contracapa, na sua segunda obra da série sobre a energia divina que existe em cada ser humano. Agradeço ao querido colaborador Fábio Gimovski, por trazer sua arte única e profunda de Ariadne para o artigo da querida Adriana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de forma muito especial, ao muito querido e imensamente talentoso artista Bertho, um ser de luz comprometido e de uma sensibilidade impressionante, com quem tenho a honra de trabalhar. Suas artes sombrias guardam sempre a luz do mundo em suas nuances, nos permitindo ver um mundo que vai muito além das cores da nossa própria existência e, agora, finalmente podemos vê-la na nossa capa!

Agradeço super, hiper e mega enfaticamente a querida Van Ted, que nos trouxe sua HQ incrível e que possibilita que as pessoas baixem o pdf em seu site. Van Ted é uma grande escritora e talentosa roteirista, que criou uma história envolvente sobre uma das mitologias que menos se ouve falar: a mesopotâmica! Por isso mesmo, acredito que ela voltará em breve para as páginas da nossa revista!

E claro, agradeço sempre à querida Fábica Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, e também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à incrível Jéssica Dias, pelas nossas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram. Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo, por fazerem parte da equipe que faz com que aconteçam as nossas lives! Muito obrigada! Agradeço à Alpha Centauri por cuidar do nosso site e por permitir que a Mitologia Aberta possa funcionar!

Até a próxima, pessoal!
Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico Original: Karem Dias e Larissa Dias

Atualizações do Projeto Gráfico: Jéssica Dias e Larissa Dias

Ilustração da Capa: "Fênix", Bertho Horn

Ilustração da Contracapa: "Estamos a Sós", Italo Zanatta

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2022, Novembro, World Wild Web

Periodicidade: Bimestral

Colaboram Nesta Edição:

Patrícia Pinna, Adriana Freitas, Leonardo Tondato, Vinícius Viana, Oscar Barriga, Cynthia Sims, Bertho Horn, Fábio Gimovski, Italo Zanatta, Van Ted, Fagner Gabriel, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta

Administração do Site: Apha Centauri

Poema: Dança de Sheeva
Autor: Fagner Gabriel

Limpeza presente de Sheeva
São das danças da mudança
Eras imemoriais sentidas na carne

Cerne
Inerte
que muda
transmuta

Preconizando a mudança em meio a água
água, água....
Transmuta

Quem és tu serpente marinha que leva embora os
preconcebidos?

Em uma Iguaba Grande
Tanto em São Paulo quanto no Egito
sentir e mudar doi!

Tridente de Poseidon
Era um homem e agora sou proto NEO

Protagonista
consciente
novo
Neo

Tardes de visita cativa

Curas de tantas eras pregressas
Agora, sou um desgarrado dos outros dois
Quem sou eu? Em constante transmutação!

Chamas violetas do universo
Saint Germain de novos corpos
nunca ficará inativa

Dança de Sheeva
Você resolveu mudar?

Então, sentirá!

Se curar

E o que poderá sentir em físico?

Sensações

ócios

desassossegos?

Somos transmutação

Antes caos

e agora sentindo o que é luz e sombras

Somos

Mudamos

e sempre estará tudo bem!

Sou o agora!

Mas também sou quem posso ser!

Sinto o mundo e sou a liberdade!

ARTE: ESTAMOS A SÓS...

ARTISTA: ITALO ZANATTA